



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS JURÍDICAS

JOSÉ VELOSO DE ARAÚJO SOBRINHO NETO

DOMINAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS: um diálogo entre direito e
literatura

Guarabira – PB, 2014

JOSÉ VELOSO DE ARAÚJO SOBRINHO NETO

DOMINAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS: um diálogo entre direito e
literatura

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Jurídicas.

Orientador (a): Prof. Mestre Antônio Cavalcante da Costa Neto

Guarabira – PB, 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S677d Sobrinho Neto, José Veloso de Araújo
Dominação e autodeterminação dos povos: [manuscrito] : um diálogo entre direito e literatura / Jose Veloso de Araujo Sobrinho Neto. - 2014.
49 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Prof. Ms. Antônio Cavalcante da Costa Neto, Departamento de Direito Privado".

1. Dominação. 2. Autodeterminação. 3. Povos. 4. Poder. 5. História. I. Título.

21. ed. CDD 341.76

JOSÉ VELOSO DE ARAÚJO SOBRINHO NETO

DOMINAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS: um diálogo entre direito e
literatura

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Jurídicas.

Área de concentração: Direitos Humanos.

Aprovada em: 28/11/2014.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Mestre Antônio Cavalcante da Costa Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Wellington de Sousa Félix
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Uberlândia de Sousa Félix
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais que são meus melhores amigos, minha maior fortuna, meu porto seguro e as pessoas que mais amo.

Aos meus bisavós maternos e avós do coração, Antônio Barbosa Cavalcanti e Lucila de Lira Cavalcanti, por terem sido bons comigo e terem me legado as melhores memórias de minha infância. (*in memoriam*)

Aos meus irmãos, pelo incentivo e pelos sonhos e objetivos em comuns.

A minha noiva, sem o seu auxílio não poderia realizar tal feito.

Enfim, a todos os que de uma maneira fazem parte de minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida;

Ao meu pai George, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo, homem o qual tenho maior orgulho de chamar de pai, meu eterno agradecimento pelos momentos em que esteve ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível. Pessoa que sigo como exemplo, pai dedicado, amigo, batalhador, que abriu mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste trabalho, sem dúvida foi quem me deu o maior incentivo para conseguir concluir esse trabalho;

A minha mãe Dayse, por ser tão dedicada e amiga, por ser a pessoa que mais me apoia e acredita na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo;

A minha bisavó Lucila (*in memoriam*), que deixou muitas saudades e a quem devo muitos dos meus sorrisos de infância. A meu bisavô Antônio (*in memoriam*), que quando eu era bebê, toda a madrugada ficava a me esperar na frente de minha casa só para ser o primeiro a me desejar um “bom dia”, uma pessoa que mostrou que muitas vezes um gesto marca mais que muitas palavras, coração bondoso que dedicou toda sua vida a família. Por todo o amor que ambos me dedicaram meu eterno amor e agradecimento;

Aos meus irmãos, George e Diógenes, pelo carinho e atenção que sempre tiveram comigo, por sempre me apoiarem em todos os momentos, enfim, por todos os conselhos e pela confiança em mim depositada meu imenso agradecimento;

A minha noiva Ranyelle Paiva, pela compreensão e paciência que teve comigo durante todo o tempo que não pude estar presente, por sempre entender e me apoiar. Sem você isso não teria sentido.

Aos amigos que fiz durante o curso, pela amizade que construímos. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa;

Ao meu orientador, professor Mestre Antônio Cavalcante da Costa Neto, pelo ensinamento e dedicação dispensados no auxílio à concretização desse trabalho;

A todos os professores do curso, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional.

“O lugar da arte tornou-se nele incerto. A autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultural e dos seus duplicados, vivia da ideia de humanidade. Foi abalada à medida que a sociedade se tornava menos humana.” (Theodor W. Adorno),

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar nas obras *Cem anos de solidão* (2010) e *Vidas Secas* (1996), de Gabriel García Márquez e Graciliano Ramos, respectivamente, a relação entre as categorias da dominação e da autodeterminação dos povos. Como os romances são extensos, escolhemos um episódio de cada: “a greve da Companhia bananeira” e “o caso do policial amarelo”. As criações artísticas desses dois autores se apresentam como verdadeiras alegorias da condição humana universal e, singularmente, latino-americana. Partiremos dos romances, mas com a pretensão de desvelarmos os conturbados enlacs do poder e as suas formas de manifestação na história da América Latina. Para tanto, elegemos os teóricos Alfredo Errandonea e Oliveiros L. Litrento para, a partir de suas produções intelectuais, balizarem essa pesquisa.

Palavras-chave: Dominação. Autodeterminação. Povos. Poder. História.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between the analytical categories of domination and self-determination in the works *Cem anos de solidão* (2010) and *Vidas Secas* (1996), by Gabriel García Márquez and Graciliano Ramos, respectively. As the novels are extensive, we chose an episode each, "greve da Companhia bananeira" and "o caso do policial amarelo". The artistic creations of these two authors present themselves as true allegory of universal human condition and singularly Latin. Analyze the novels, but with the intention of desvelarmos the troubled marriage of power and its manifestations in the history of Latin America. To this end, we chose the theoretical and Alfredo Errandonea Oliveiros L. Litrento, for from their intellectual productions, balizarem this research.

Key words: Domination. Self-determination. People. Power. History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CIEN AÑOS DE SOLEDAD: narrativas de batalhas perdidas e ditadores luciferinos	13
2. VIDAS SECAS: retirantes e demônios	15
3. COMO CONVENCER ALGUÉM A PULAR DO PRECIPÍCIO: fábulas de suicidas felizes	17
4. CONGRESSO DE SUICIDAS: direito, literatura e memória do sangue na América Latina	31
4.1 A MORTE PELAS BANANAS	35
4.2 ASSASSINOS DO ESTADO: o caso do policial amarelo	41
4.3 TRAGÉDIA: peripécia, reconhecimento, catástrofe e catarse	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Quando Santiago Nasar¹ acordou na manhã de sua morte, não teve como prevê a determinação intransponível do seu destino. Animado por uma sina tão catastrófica² quanto a de Édipo³, o enredo de *Crônicas de uma morte anunciada*⁴, assim como a profecia apocalíptica em *Cem Anos de Solidão*⁵ (2010), é mimeses, prelúdio da “realidade desaforada”⁶ que é a concepção e o desenvolvimento da América Latina. Mesmo assombrados “diante do pelotão de fuzilamento”⁷, o fado do povo latino-americano é resistir. Assim como resistiram Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais velho, menino mais novo e a cachorra Baleia⁸ perante as adversidades quase invencíveis da seca nordestina.

Diante do exposto, propomos analisar a categoria da dominação⁹ e da autodeterminação dos povos¹⁰ em duas obras do cânone literário latino-americano: *Cem Anos de Solidão* (2010), de Gabriel García Márquez, e *Vidas Secas* (1996), de Graciliano Ramos.

¹ Personagem protagonista do romance *Crônicas de uma morte anunciada* (2009), de Gabriel García Márquez.

² Catástrofe, segundo Aristóteles, é o desenlace trágico – Édipo, quando descobre seu infortúnio, fura os olhos e sai errante pelo deserto – resultado do conflito entre *hybris* (desafio da personagem) e *anankê* (destino).

³ Mito grego e tema da tragédia de Sófocles. Conta a história de Édipo, personagem que tentando fugir do seu destino termina por matar seu pai, o rei Laio, e casar-se e ter filhos com sua mãe, Jocasta. *Édipo* é, segundo Aristóteles, em *A Poética*, a mais bela das tragédias Gregas. Essa afirmativa está relacionada com o estudo da estrutura das tragédias. “A história das relações entre o mito de Édipo e a literatura é provavelmente singular. Mais que qualquer outro, com efeito, o mito de Édipo se confunde de tal forma com a obra literária que para muitas gerações ocidentais sua figura foi confundida com *Édipo Rei* (cerca de 430 a.C.) ou *Édipo em Colona* (cerca de 406), e o próprio mito com a tragédia.” (BRUNEL, 2005, p.307)

⁴ Romance publicado em 1981 que narra, a partir de uma construção jornalística, o homicídio cometido pelos dois irmãos Vicários contra o personagem protagonista Santiago Nasar. Há uma ironia na obra. Enquanto Santiago Nasar, inocente do mal que querem lhe fazer, traça planos para o dia, seus amigos, vizinhos e moradores da cidade sabem desde do dia anterior o plano mortal que lhe dará cabo.

⁵ Obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez. O romance foi publicado em 1967 e se inscreve na tradição fantástica. *Cem anos de solidão* (2010) narra a trajetória da família Buendía e se passa na cidade mítica de Macondo. A estirpe dos Buendía e a criação da cidade de Macondo são alegorias da concepção da América Latina.

⁶ Expressão utilizada por Gabriel García Márquez no discurso da premiação do Nobel de literatura de 1982 na Suíça. O discurso intitulou-se *A solidão da América Latina*.

⁷ Assim começa o romance mais importante do autor colombiano.

⁸ São os personagens principais do romance *Vidas Secas* (1996), de Graciliano Ramos.

⁹ Dominação é uma categoria analítica complexa, podendo ser definida a partir de diversas perspectivas e autores. Optamos pela perspectiva marxista do sociólogo uruguaio Alfredo Errandonea. Além disso, será oportuna a classificação weberiana. Max Weber esboça uma tipologia da categoria dominação que entendemos ser principiológica, ou seja, possui um caráter propedêutico.

¹⁰ Direito alçado a princípio com previsão expressa no artigo 1º, § 2 da Carta de São Francisco (documento que constituiu a Organização das Nações Unidas).

Seria demais analisarmos as obras completas. Por isso, preterimos dois episódios: a greve da Companhia bananeira¹¹, e o caso do soldado amarelo¹².

Como referencial teórico, optamos pelos enfoques do sociólogo uruguaio Alfredo Errandonea¹³ e do professor da UFRJ, Oliveiros L. Litrento¹⁴. Suas respectivas obras, *Sociologia de la Dominacion* (1989) e *O Princípio da Autodeterminação dos Povos - Síntese da Soberania* (1964), balizarão a pesquisa, mas não excluirão o pensamento de outros importantes estudiosos do tema.

O objetivo desse trabalho é, a partir das obras que elegemos, apreendermos as complicadas nuances que existem entre dominados e dominadores na Americana Latina e como essa relação histórica desigual revoga o direito dos povos latino-americanos de se autodeterminarem. Os dois romances¹⁵ nos permitirão, devido suas indiscutíveis qualidades literárias, “compreender as relações complexas e indiretas entre essas obras e os mundos ideológicos que elas habitam – relações que surgem não apenas em “temas” e “questões”, mas no estilo, ritmo, na imagem, qualidade e (como veremos mais adiante) forma.” (EAGLETON, 2011, p.20).

A importância da colonização para formação da América Latina é uma das justificativas para a escolha das categorias analíticas. Além disso, entender os vários estratos da dominação a que foram submetidos o povo latino significa reconstruir nossa identidade cultural polimórfica. Algo que não é absolutamente fácil, mas é imprescindível. “‘Costurar’

¹¹ O episódio do livro *Cem anos de solidão* (2010), a greve da Companhia bananeira, coloca em evidência as práticas funestas dos dominadores e dos aparelhos repressivos do Estado contra os dominados.

¹² Em *Vidas Secas* (1996), o “policial amarelo” surge como alegoria dos aparelhos repressivos do Estado. Por isso, o “policial amarelo” não tem nome, ele é a representação do poder disciplinador e autoritário.

¹³ Alfredo Errandonea foi um sociólogo uruguaio, diretor do Instituto de Ciências da Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Montevideo, professor titular de Metodologia da Investigação Sociais nas carreiras de Sociologia da Universidade da República (Uruguai) e da Universidade de Buenos Aires, coordenador do Módulo Metodológico dos mestrados de Ciências Sociais de FLACSO em Buenos Aires e autor de numerosos livros e artigos. Alfredo Errandonea faleceu em 2001.

¹⁴ Professor titular da Faculdade de Direito e dos cursos de pós-graduação da UERJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) e do Instituto de Filosofia das Academias Carioca e Alagoana de Letras. Representa o IAB em Roma, integrando naquela cidade o Seminário de Estudos promovidos pela ASSLA (Università degli Studi de Roma), em homenagem a Pontes de Miranda.

¹⁵ “Epopéia e romance, ambas as objetivações da grande épica, não diferem pelas intenções configuradoras, mas pelos dados histórico-filosóficos com que se deparam para a configuração. O romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente.” (LUKÁCS, 2009, p.55)

[...] diferenças numa única identidade” (HALL, 1992, p.66) tem sido a grande vantagem do povo latino-americano perante essa “realidade assombrosa”¹⁶.

Alfredo Errandonea é um sociólogo uruguaio e Oliveiros L. Litrento é um jurista brasileiro, ou seja, suas perspectivas teóricas não são as dos dominadores, mas as dos dominados. Estar mais próximo do contexto histórico e geográfico dos quais essa pesquisa está interessada foi capital para que os sagrássemos base teórica.

Como objetivo geral, ambicionamos analisar as categorias analíticas dominação e autodeterminação dos povos em *Cem anos de solidão* (2010), de Gabriel García Márquez, e em *Vidas Secas* (1996), de Graciliano Ramos.

Como objetivos específicos, almejamos apreender a história da dominação e sua relação com a formação da identidade cultural latino-americana. E, enfim, compreender a relação entre as categoria analíticas, dominação e autodeterminação dos povos, e as deturpações mítico-ficcionais e históricas advindas de sua concretização.

Optamos pela pesquisa bibliográfica como metodologia de pesquisa. A justificativa: essa metodologia é pertinente e vantajosa por causa do aporte teórico de contribuições científicas consolidadas que poderão fundamentar observações e análises acerca das sequelas mítico-históricas e dos efeitos de sentido decorrentes das categorias analíticas dominação e autodeterminação dos povos nos romances *Cem anos de solidão* (2010), de Gabriel García Márquez, e *Vidas Secas* (1996), de Graciliano Ramos.

Faz-se necessário reiterar os benefícios metodológicos da pesquisa bibliográfica. Um embasamento teórico bem selecionado pode ser utilizado para corroborar e enriquecer as conjecturas analíticas. Sobre o método, segundo Antônio Joaquim Severino:

A bibliografia como técnica tem por objetivo a descrição e a classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático, data etc. Dessa técnica resultam repertórios, boletins, catálogos bibliográficos. E é a eles que se deve recorrer quando se vida elaborar a bibliografia especial referente ao tema do trabalho. Fala-se de bibliografia especial porque a escolha das obras deve ser criteriosa, retendo apenas aquelas que interessem especificamente ao assunto tratado. (2002, p.77)

Finalmente, é oportuno que justifiquemos a pesquisa interdisciplinar que nos propomos a fazer. O diálogo entre as ciências jurídicas e a literatura, assim como entre a

¹⁶ Outra expressão utilizada por Gabriel García Márquez no discurso *A solidão da América Latina* na premiação do Nobel de literatura de 1982.

literatura ou o direito e a filosofia e a sociologia, não é algo novo¹⁷, mas é raro. O desafio de transpor a dificuldade de uma interface entre ciências que a primeira vista poderiam parecer tão díspares é o que nos motivou. O diálogo entre literatura, filosofia, sociologia e ciências jurídicas¹⁸ é, não há dúvidas disso, uma trilha pouca explorada, preservada, e, por isso mesmo, de solo riquíssimo.

1. CIEN AÑOS DE SOLEDAD: narrativas de batalhas perdidas e ditadores luciferinos

Considerado uma das obras mais importantes da literatura universal, o romance *Cem anos de solidão* (2010), de Gabriel García Márquez, publicado 1967, narra a ascensão e o declínio da estirpe dos Buendía, fundadores da cidade fictícia de Macondo, espaço onde a trama se constitui. Essa aldeia remota na América Latina, gestante de tudo, é a representação fundamental da formação do mundo que carrega em seu ventre os genes do povo latino-americano. “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome, e para mencioná-las era preciso apontar com o dedo.” (MARQUEZ, 2010, p.43).

Cem anos de solidão (2010) é uma grandiosa alegoria da América Latina, paródia de sua formação e do seu desenvolvimento. O enredo confunde a formação da cidade mítica de Macondo com a gênese do povo latino. Engendra-se no romance uma trajetória de luta e dominação, e desnuda-se as perversas relações entre dominados e dominadores. Como em um painel, *Cem anos de solidão* (2010) é uma denúncia indelével das marcas oriundas do processo de conquista e colonização da América Latina.

A primeira geração dessa família é composta pelos primos José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, matriarca centenária que acompanhará todas as gerações dessa estirpe da solidão.

As características físicas e psicológicas das gerações seguintes é determinada pelos nomes¹⁹. Todos os Aurelianos são introspectivos e estudiosos, já os Arcádios, ao contrário, são impulsivos e extrovertidos.

¹⁷ Além do programa televisivo Direito & Literatura, da TV Justiça, apresentado pelo professor Lenio Streck, diversas universidades já possuem linhas de pesquisa na pós-graduação que estudam essa interface. A UFMG, por exemplo, possui dentro da grande área de Direitos Humanos, uma linha de pesquisa intitulada Direito e Literatura.

¹⁸ “A diferença entre a ciência e a arte não é que elas lidam com objetos de estudo diferentes, mas que lidam com os mesmos objetos de modo diferente. A ciência nos fornece conhecimento conceitual de uma situação; a arte nos proporciona a experiência dessa situação, que é equivalente à ideologia. Mas ao fazer isso, ela nos permite “ver” a natureza dessa ideologia e, assim, começa a nos conduzir ao entendimento completo da ideologia, que é o conhecimento científico.” (EAGLETON, 2011, p.39)

¹⁹ Os nomes Aureliano e Arcádio se repetirão em todas as sete gerações dos Buendía.

A segunda geração é constituída por José Arcádio, Coronel Aureliano Buendía e Amaranta. José Arcádio, que é batizado com o nome do pai, mantém uma relação amorosa com Pilar Ternera a quem engravida. Foge e volta muitos anos depois. Casa-se com sua irmã de criação, Rebeca. O Coronel Aureliano Buendía é o segundo filho de José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, possui o nome do avô paterno. Assim como seu irmão, tem um relacionamento amoroso com Pilar Ternera a quem também engravida, mas casa-se com Remédios Mascote. Tornou-se um personagem central nas revoltas liberais²⁰. Amaranta é a terceira filha do casal Buendía e apesar de apaixonar-se diversas vezes durante sua vida, esnoba todos os seus pretendentes, morre virgem e solteira.

A terceira geração é a dos netos: Arcádio, Aureliano José e mais dezessete Aurelianos. Arcádio é fruto do relacionamento entre José Arcadio e Pilar Ternera, morre na revolução liberal de Macondo. Aureliano José, filho do Coronel Aureliano Buendía e de Pilar Ternera, morre alvejado por um disparo. Os dezessete Aurelianos são frutos dos relacionamentos do Coronel Aureliano Buendía com dezessete mulheres durante a guerra civil da qual participou. Morrem assassinados por supostos inimigos do seu pai.

A quarta geração é a dos filhos de Arcádio e Santa Sofía de la Piedad: Remédios, José Arcádio Segundo e Aureliano Segundo. Remédios, a Bela, era assim conhecida por ser a mulher mais linda que existiu no mundo. Não tinha malícias. Um dia ascendeu aos céus e nunca mais foi vista. José Arcádio Segundo é irmão gêmeo de Aureliano Segundo. Morreram subitamente ao mesmo tempo. Úrsula sempre acreditou que os dois foram trocados na infância. José Arcádio Segundo possuía um espírito anarquista e revolucionário, enquanto Aureliano Segundo era um perdulário. Seus corpos foram trocados e um foi enterrado na tumba do outro.

A quinta geração é a de José Arcádio, Amaranta Úrsula e Renata Remédios, filhos de Aureliano Segundo e Fernanda del Carpio. José Arcádio foi para o seminário em Roma e ao voltar para Macondo morreu afogado em uma caixa d'água. Amaranta Úrsula foi estudar em Bruxelas e conheceu Gastón, homem de posses com quem se casou. Ao voltar conheceu Aureliano Buendía, por quem se apaixonou sem saber que era seu sobrinho. Renata Remédios

²⁰ Segundo Selma Calasans: “A história da Colômbia está toda representada em *Cem anos de solidão*. O episódio central, que ocupa maior número de páginas, é a luta entre liberais e conservadores, não por ser exaustivamente narrado, mas por ser aludido, recordado ou antecipado com frequência. Sabe-se que esta luta ocupou toda a vida política do século XIX até nosso século, de 1830 até 1951, quando um comunicado oficial do governo colombiano anunciou que o fim da guerra civil estava próximo. Foi uma guerra que custou milhares de mortos e da qual, no entanto, ninguém se inteirava; os países do Primeiro Mundo a ignoravam, marcando assim a solidão desta América, reiteradamente aludida pelo autor colombiano.” (RODRIGUES, 19936, p.82)

se apaixonou por Maurício Babilônia, relacionamento não aprovado pela mãe que a manda para um convento sem ter ciência do seu estado de gravidez. Gera Aureliano Babilônia e morre.

A sexta geração é a de Aureliano Babilônia, filho de Renata Remédios e Maurício Babilônia. Apaixona-se por sua tia Amaranta Úrsula com quem tem o último dos Buendía, Aureliano.

A sétima geração é a de Aureliano. Fruto de uma relação incestuosa, nasce com um rabo de porco e é devorado no fim do livro pelas formigas. Concretiza-se, assim, a profecia²¹ decifrada pelo seu pai:

Macondo já era um pavoroso redemoinho de poeira e escombros centrifugados pela cólera do furacão bíblico quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo em fatos demasiado conhecidos e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando conforme vivia esse instante, profetizando a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse se vendo num espelho falado. Então deu outro salto para antecipar às predições e averiguar a data e as circunstâncias de sua morte. Porém, antes de chegar ao verso final havia compreendido que não sairia jamais daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos, e que tudo que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e para sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra. (MÁRQUEZ, 2010, p.447)

2. VIDAS SECAS: retirantes e demônios

O romance *Vidas Secas* (1996)²², quarto livro de Graciliano Ramos, publicado em 1938, narra a história da família de retirantes composta por Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais novo, menino mais velho e a cachorra Baleia. A mísera condição humana é desvelada em meio à seca. Aos flagelos produzidos pelas intempéries do tempo somam-se as injustiças produzidas pelas desproporcionais relações de poder entre os marginalizados e o Estado.

²¹ Os pergaminhos cifrados de Melquíades, cigano de enorme sabedoria e amigo de José Arcádio Buendía, foram grafados em sânscrito. A profecia contida nesses pergaminhos narra a trajetória da família Buendía até a conclusão apocalíptica dessa estirpe.

²² O movimento conhecido como Cinema Novo produziu em 1963 o filme de título homônimo com o roteiro baseado no livro. Dirigido por Nelson Pereira dos Santos, o longa foi o único filme brasileiro a ser indicado pelo British Film Institute como uma das 360 obras fundamentais em uma cinemateca. Ganhou o Festival de Cannes de 1964 (França).

O enredo começa com a família de retirantes fugindo do período da seca. Conseguem abrigo em um sítio abandonado. Passado o período quente, a estação das chuvas faz aparecer o dono das terras que os expulsam. Fabiano, para não perder o direito de permanecer nas terras, oferece sua força de trabalho e se torna vaqueiro da propriedade.

A família de retirantes é obrigada a comprar os alimentos no armazém do patrão e se submeter aos seus desmandos e humilhações. Torna-se coisa, domínio. O fragmento abaixo é exemplificativo do que é afirmado:

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. (RAMOS, 1996, p.93)

Dominado, Fabiano se curva, seu corpo expressa a submissão, a sujeição. Michel Foucault²³ desenvolveu uma vasta pesquisa sobre o fenômeno. “Na realidade, o que faz que um corpo, gestos, discursos, desejos, sejam identificados e constituídos como indivíduos, é precisamente isso um dos efeitos primeiros do poder.” (FOUCAULT, 1999, p.35).

Quando as aves de arribação prenunciam uma nova seca, aproveitando a frieza da noite e o sono do patrão, Fabiano e sua família fogem. Como no mito do Eterno Retorno²⁴, terminam como principiaram: cortando o sertão na esperança de escapar do mal presságio do tempo e dos homens. “Em *Além do Bem e do Mal* (af. 56), Nietzsche refere-se ao Eterno Retorno como o “*circulus vitiosus deus*”. Nele se manifesta alguma coisa da ordem do divino, mas nada religioso (V, 396). A vontade do Retorno é ato de amor que santifica a vida em seu mistério: *Amor fati*.” (BRUNEL, 2005, p.327).

²³ Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário. Ensinou no Collège de France de 1971 a 1984, ano de sua morte. Pesquisou durante toda a sua vida a relação entre poder e conhecimento.

²⁴ As civilizações arcaicas apreendem o tempo de duas formas (heterogêneos), uma é linear ou profana e a outro é circular ou sagrada. O tempo sagrado é dividido em infinito e limitado. Tanto *Cem anos de solidão* (2010) quanto *Vidas Secas* (1996) são obras marcadas pelo tempo sagrado ou circular. Característica estrutural comum que alude semanticamente ao mesmo fato histórico: a exploração da América Latina e a dominação de seu povo. “Paradoxalmente, é na época de Hegel, no século em que se desenvolve a ciência da história e em que nascem as ideologias do progresso, que Nietzsche redescobre a ideia do Eterno Retorno. Ela corresponde, de fato, a uma vontade de reação contra o culto do fato histórico e dos sonhos finalistas, últimos avatares da metafísica.” (BRUNEL, 2005, p.325)

3. COMO CONVENCER ALGUÉM A PULAR DO PRECIPÍCIO: fábulas de suicidas felizes

Diante de Areche, um visitador incumbido de descobrir o nome dos outros revoltosos, Tupac Amaru²⁵ replicou: “Aqui não há mais cúmplices, além de mim e de ti; tu, como opressor, e eu como libertador, merecemos a morte” (GALEANO, 2013, p.70). Da relação desigual entre oprimidos e opressores vem se constituindo as idiossincrasias do povo latino.

No discurso proferido na cerimônia de entrega do prêmio Nobel de 1982, o ilustre colombiano, Gabriel García Márquez, arrematou:

Num dia como o de hoje, meu mestre William Faulkner disse neste mesmo lugar: “Eu me nego a admitir o fim do homem”. Não me sentiria digno de ocupar este lugar que foi dele se não tivesse a consciência plena de que pela primeira vez desde as origens da humanidade, o desastre colossal que ele se negava a admitir há 32 anos é, hoje, nada mais que uma simples possibilidade científica. Diante dessa realidade assombrosa, que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para nos lançarmos na criação da utopia contrária. Uma nova utopia da vida, onde ninguém possa decidir pelos outros até mesmo a forma de morrer, onde de verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade, e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra. (2010, p.12)

Quase uma década antes da láurea do insigne colombiano, em 1964, o Brasil acordava imerso no frio inóspito da ditadura militar; o Paraguai teve o mesmo destino em 1954; o Chile em 1973; a Argentina em 1966; a Bolívia e o Uruguai em 1971. Assim, a América Latina, periferia do mundo capitalista, conhecia mais uma página de seu destino fatídico: talismã econômico e servo leal.

Era inverno em 1942²⁶, quando a infausta conquista da América Latina pelos espanhóis²⁷ se abateu sobre os ameríndios como uma conjunção astronômica apocalíptica. Para os nativos da América, a partir daí, restava o perdão católico banhado em sangue,

²⁵ Tupac Amaru foi o último líder Inca da época da conquista espanhola. Comandou uma rebelião contra os espanhóis e em 1781 conseguiu reaver, por um curto período, a capital do império Inca: Cuzco.

²⁶ O genovês Cristóvão Colombo chegou a América em 12 de outubro de 1492, inverno, de acordo com o calendário astronômico.

²⁷ A América Latina fora descoberta muito antes pelos ameríndios que aqui já habitavam: em 1492 foi conquistada.

trabalho e morte ou a resistência nos mesmos termos. Leiamos o fragmento abaixo do livro *As veias abertas da América latina*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano²⁸:

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. Ela já não é o reino das maravilhas em que a realidade superava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus da conquista, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutos e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que, consumindo-os, ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los. (2013, p.17)

A história da América Latina, como está grafada na memória²⁹ e na literatura do povo latino, é uma história de luta constante por sua autodeterminação. Quando Cristóvão Colombo desembarcou na ilha da Guanahaní, atual Bahamas, e posteriormente no golfo do México, encontrou um continente povoado por civilizações que já conheciam a astronomia, a matemática e as técnicas agrícolas. Desde então, os cemitérios nativos se multiplicaram. A violência das guerras de dominação, as doenças trazidas pelas embarcações estrangeiras e a penúria dizimaram populações inteiras. Essa multidão de mortos-vivos, desapropriados e sem direito algum, abastecia o velho continente de riquezas minerais e alimentos e, ainda assim, morriam pobres e famintos. E a catástrofe se acentua:

Josué de Castro declara: “Eu, que recebi um prêmio internacional da paz, penso que, infelizmente, não há solução além da violência para a América

²⁸ Escritor e jornalista uruguaio, nasce em Montevideu em 03 de setembro de 1940. Foi preso político em 1973 e forçado a se exilar na Argentina e na Espanha. Chegou a ter seu nome listado pelos esquadrões da morte do General Jorge Videla. Escreveu mais de quarenta livros, entre os quais, o clássico, *As veias abertas da América Latina* (1971).

²⁹ É de Jacques Le Goff o relevante ensinamento: “Assim, Pierre Janet “considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” [Florès, 1972, p.12] (ibid). Deste modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima “linguagens e memórias”: “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória” [1972, p.461].” (1996, p.424-425)

Latina”. [...] 120 milhões de crianças se agitam no centro dessa tormenta. A população da América Latina cresce como nenhuma outra, em meio século triplicou com sobras. A cada minuto morre uma criança de doença ou de fome, mas no ano 2000 haverá 650 milhões de latino-americanos, e a metade terá menos de 15 anos de idade: uma bomba-relógio. Em fins de 1970, entre os 280 milhões de latino-americanos há 50 milhões de desempregados ou subempregados e cerca de 100 milhões de analfabetos. A metade dos latino-americanos vive amontoadada em casebres insalubres. (GALEANO, 2013, p.20)

As cifras inconcebíveis não param de espantar, as minas de Potosí, em três séculos, mataram mais de 8 milhões de latino-americanos³⁰. “Os índios das Américas somavam não menos do que 70 milhões, ou talvez mais, quando os conquistadores estrangeiros apareceram no horizonte; um século e meio depois estavam reduzidos tão só a 3,5 milhões” (GALEANO, 2013, p.62). Diante do transtorno da vida nativa que insistia em se proliferar contra todas as probabilidades, as consciências capitalistas estrangeiras patentearam soluções extremas,

“Combata a pobreza, mate um mendigo”, grafitou um mestre do humor negro num muro de La Paz. O que propõem os herdeiros de Malthus senão matar todos os futuros mendigos antes que nasçam? Robert McNamara, o presidente do Banco Mundial que tinha sido presidente da Ford e Secretário da Defesa, afirma que a explosão demográfica constitui o maior obstáculo ao progresso da América Latina, e anuncia que o Banco Mundial, em seus empréstimos, dará preferência aos países que executarem planos de controle de natalidade. McNamara constata, com lástima, que o cérebro dos pobres pensa 25 por cento menos, e os tecnocratas do Banco Mundial (que já nasceram) fazem zumbir os computadores e geram intrincados cálculos sobre a vantagem de não nascer. “Se um país em desenvolvimento, que tem uma renda média per capita de 150 a 200 dólares anuais, puder reduzir sua fertilidade em 50 por cento num período de 25 anos, ao cabo de 30 anos sua renda per capita, quando menos, será de 40 por cento superior ao nível que teria alcançado sem reduzir os nascimentos, e duas vezes maior ao cabo de 60 anos”, assegura um dos documentos do organismo. Tornou-se celebre a frase de Lyndon Johnson: “Cinco dólares investidos contra o crescimento da população são mais eficazes do que 100 investidos no crescimento econômico”. Dwinght Eisenhower prognosticou que, se os habitantes da terra continuarem a se multiplicar no mesmo ritmo, não só se aguçará o perigo da revolução como também se produzirá “uma degradação no nível de vida de todos os povos, o nosso inclusive”. (GALEANO, 2013, p.22)

³⁰ Potosí é uma província da atual Bolívia. Em 1611 era uma das maiores produtoras de prata da economia mundial. “Veia jugular do vice-reinado, manancial de prata da América, Potosí possuía 120 mil habitantes segundo o censo de 1573. Apenas 28 anos tinham transcorrido desde que a cidade brotara entre os páramos andinos e já contava, como por artes de magia, com a mesma população de Londres e mais habitantes do que Servilha, Madri, Roma ou Paris. Por volta de 1650, um novo censo adjudicava a Potosí 160 mil habitantes. Era uma das maiores e mais ricas cidades do mundo, dez vezes mais populosa do que Boston, num tempo em que Nova York nem sequer começara a ser chamada assim.” (GALEANO, 2013, p.40)

A América Latina é a legatária de catástrofes eminentes e diárias. Em 10 de abril de 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou no Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em Londres, uma pesquisa alarmante. O Relatório Global Sobre Homicídios 2013 revelou que na América Central a taxa de homicídio é de 24 casos para cada 100 mil habitantes, um número quatro vezes maior que a média mundial. Para se ter uma ideia da disparidade social entre a América e seus colonizadores, em 2012, 437 milhões de pessoas foram vítimas de homicídios dolosos no mundo, desses, 36% ocorreram na América e apenas 5% na Europa. No Brasil, 50 mil pessoas foram assassinadas no mesmo ano, isso equivale a 10% de todos os homicídios praticados no mundo nesse mesmo período. No Nordeste os dígitos são homéricos: a Paraíba aumentou o número de homicídios em mais de 150% nos últimos dois anos, na Bahia o aumento foi de 75%. Nosso vizinho, Pernambuco, foi o único Estado que apresentou queda na taxa, conseguiu diminuir 38,1% as mortes violentas. Corroborando o que foi dito até agora, Eduardo Galeano completa:

São secretas as matanças da miséria na América Latina, a cada ano, silenciosamente, sem estrépito algum, explodem três bombas de Hiroshima sobre esses povos que tem o costume de sofrer de boca calada. Essa violência sistêmica, não aparente, mas real, vem aumentando: seus crimes não são noticiados pelos noticiários populares, mas pelas estatísticas da EAO. (2013, p.22)

Durante séculos fomos vítimas de incontáveis colonizadores, de intervenções econômicas, políticas e culturais. Parece inverossímil pensar que quase todas as ditaduras latino-americanas do século XX foram arquitetadas, financiadas e concretizadas pelos projetos de expansão econômicos dos Estados Unidos da América. A Alliance for Progress³¹ não era traduzida com todas as letras, mas estava claro para quem quiser ler: progresso estadunidense.

O intelectual alemão Max Weber³², no capítulo intitulado “Os três tipos de dominação legítima”, da obra *Metodologia das Ciências Sociais* (2001b), conceituou a dominação como sendo a “probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandado” (2001b, p.349). Segundo o autor, a dominação “pode fundar-se em diversos motivos de submissão” (2001b,

³¹ Programa criado para, a partir de uma cooperação internacional, desenvolver a América Latina e barrar a expansão socialista no continente.

³² Karl Emil Maximilian Weber (Erfurt, 21 de Abril de 1864 — Munique, 14 de Junho de 1920) foi um economista e jurista alemão. Considerado o fundador da sociologia moderna.

p349), e os classifica em três tipos: dominação legal, dominação tradicional e dominação carismática. Assim, a dominação, arremata Weber:

[...] pode ser determinada diretamente de uma constelação de interesses, ou seja, de considerações racionais de vantagens e desvantagens (referente a meios e fins) por parte daquele que obedece; mas também pode depender de um mero "costume", ou seja, do habito cego de um comportamento inveterado; ou pode, finalmente, ter o seu fundamento no puro afeto, ou seja, na mera inclinação pessoal do dominado. Não obstante, podemos afirmar que uma dominação que repousasse apenas nesses fundamentos seria relativamente instável. Temos que ver que nas relações entre dominantes e dominados existe, costumeiramente, um apoio em bases jurídicas nas quais se fundamenta a sua "legitimidade", e o abalo na crença nesta legitimidade normalmente acarreta consequências de grande importância. Em forma totalmente pura, as "bases de legitimidade" da dominação são apenas três, cada uma das quais se encontra entrelaçada - no tipo puro - com uma estrutura sociológica profundamente diversa dos quadros e dos meios da administração. (2001b, p.349)

O primeiro tipo de dominação definido por Weber é a dominação legal. Segundo ele, diz-se dominação legal “em virtude do estatuto” (WEBER, 2001b, p.349), ou seja, é a espécie de dominação fundada na “obediência à pessoa não em virtude do seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo quem e em que medida se deve obedecer” (WEBER, 2001b, p.350). Para o pensador, o tipo mais puro da dominação legal é a dominação burocrática.

A dominação tradicional alicerça-se na fé em um poder consagrado pela tradição. “[...] existe em virtude de crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito tempo existentes” (WEBER, 2001b, p.351). Aquele que manda é “senhor”, quem obedece é “súdito”. O tipo mais puro da dominação tradicional, conforme Weber, é a dominação patriarcal. “Em princípio, considera-se impossível criar novo direito diante das normas e da tradição. Consequentemente, isso se dá, de fato, através do "reconhecimento" de um estatuto “válido desde sempre" (por "sabedoria").” (WEBER, 2001b, p.351).

Na classificação de Max Weber, o último tipo de dominação é a “carismática”. Baseada na devoção e na afetividade, esse tipo de dominação exerceu protagonismo constante na formação histórica da América Latina. “O general García Moreno governou o Equador durante dezesseis anos como um monarca absoluto, e seu cadáver foi velado com seu uniforme de gala e sua couraça de condecorações sentado na poltrona presidencial” (MÁRQUEZ, 2009, p.8). Sobre o tipo, leiamos o fragmento:

Dominação "carismática" em virtude de devoção afetiva a pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente, a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória; o sempre novo, o extra-cotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam, constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. A associação dominante é de caráter comunitário, na comunidade e no obsequio - "séquito", o tipo que manda é o líder; o tipo que obedece é o "apostolo", Obedece-se exclusivamente a pessoa do líder devido as suas qualidades excepcionais e não em virtude de uma posição estatuída ou de uma dignidade tradicional. (WEBER, 2001b, p.354)

O político populista³³, o profeta messiânico³⁴ e o soldado patriota são arquétipos³⁵ que pairam no inconsciente³⁶ coletivo³⁷ do povo latino. Para teoria literária, “[...] em matéria de

³³ Populismo designa um tipo de prática política que consiste em estabelecer uma relação de afeto e carisma entre um líder e a população de forma a angariar apoio político irrestrito. O maior exemplo brasileiro é Getúlio Vargas: presidente que manteve-se no poder por dezoito anos e meio, sendo que quinze anos foram ininterruptos.

³⁴ Líder religioso e carismático que consegue congregar uma multidão de fiéis. No Brasil o mais conhecido foi Antônio Vicente Mendes Maciel (Quixeramobim, 13 de março de 1830 — Canudos, 22 de setembro de 1897), o Antônio conselheiro.

³⁵ “O termo *archetypus* já se encontra em Filo Judeu como referência à *imago dei* no homem. Em Irineu também, onde se lê: “*Mundi fabricator non a semetipso fecit haec, sed de alienis archetypis transtulit*” (O criador do mundo não fez essas coisas diretamente a partir de si mesmo, mas copiou-as de outros arquétipos). No *Corpus Hermeticum*, Deus é denominado το αρχετυπον φως (a luz arquetípica). Em Dionísio Areopagita encontramos esse termo diversas vezes como “*De coelesti hierarchia*” αι αύλαι άρχετυπιαι (os arquétipos imateriais), bem como “*De divinis nominibus*”. O termo arquétipo não é usado por Agostinho, mas sua ideia no entanto está presente; por exemplo em “*De diversis quaestionibus*”, “*ideae [...] quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur*” (ideias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina). *Archetypus* é uma perífrase explicativa do ετδοζ platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2011, p.12-13). “O significado do termo *archetypus* fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada. O assunto se complica, porém, se tentarmos fundamentá-lo psicologicamente. Até hoje os estudiosos da mitologia contentavam-se em recorrer a ideias solares, lunares, meteorológicas, vegetais, etc. O fato de que os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma foi negado de modo absoluto até nossos dias. O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência sensorial a acontecimentos anímicos” (JUNG, 2011, p.14).

³⁶ “A princípio o conceito do inconsciente limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos ou esquecidos. O inconsciente, em Freud, apesar de já aparecer – pelo menos metaforicamente – como sujeito atuante, nada mais é do que o espaço de concentração desses conteúdos esquecidos e recalçados, adquirindo um significado prático graças a eles.” (JUNG, 2011, p.11)

³⁷ “Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não

mitos literários, o arquétipo está sempre no final da investigação” (BRUNEL, 2005, p.90). O professor emérito da Universidade de Sorbonne, Pierre Brunel³⁸, assim completa:

Na verdade, se na literatura um mito assinala uma história exemplar, ela própria cristaliza em geral uma imagem prestigiosa e dinâmica porque reúne ou resume o espírito mais profundo de uma cultura, toda narrativa ou imagem digna de uma expressão literária pode sempre remontar a um ou vários arquétipos: Eva está presente por trás de toda Mulher por definição fatal, em cada romance de aventura há um rito de iniciação, em toda forma teatral há um ritual ligado à mímica sagrada, e Kierkegaard, embora sem falar de arquétipos *expressis verbis*, mostrou que a procura e a afirmação de si próprio em direção a uma transcendência passava sempre por Don Juan, Ahasverus ou Fausto. Há algum tempo nos era proposto refletir sobre os “grandes tipos universais” da literatura mundial. Etnólogos e antropólogos em investigação sobretudo estruturalista pretendem provar que nesse sentido, como teria dito Montaigne, quaisquer que sejam os lugares, as épocas e as circunstâncias, nós não fazemos mais do que nos “entreglossar”. (BRUNEL, 2005, p.89)

Sem prescindir da classificação de Max Weber, que possui substancial valor teórico e incomensurável tributo sociológico, sopesemos a contribuição que Alfredo Errandonea dá ao estudo do fenômeno da dominação.

O sociólogo uruguaio discorre sobre conceitos marxistas que consideramos basilares para uma leitura das matizes latinas. Antes de continuarmos, é necessário que diferenciemos a categoria da exploração da categoria da dominação. “En considerable medida, la teoría social há encausado esfuerzos por elaborar categorías explicativas. Y há producido algunas sobre cuya eficacia há girado gran parte de la discusión.” (ERRANDONEA, 1989, p.17).

O conceito de exploração está vinculado ao fator econômico e conserva-se ligado ao modo de produção vigente: o capitalista. Ou seja, está relacionado com a dialética do excedente³⁹ que é a relação que o capital cria entre o tempo necessário para se produzir uma mercadoria e o tempo excedente apropriado pela classe que possui o controle dos meios de

ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano saís* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.” (JUNG, 2011, p.12)

³⁸ Professor da Universidade de Sorbonne de 1970 até sua aposentadoria em 2008. Fundou, em 1981, o Centro de Investigação em Literatura Comparada (CRLC), do qual foi o primeiro diretor. Em 1995, fundou a Escola de Literatura Comparada (CLC), da qual é o atual presidente.

³⁹ “Como dice Mandel “... para Marx, toda evolución progressiva de los modos de producción está fundada en una dialéctica del sobreproducto social (del excedente) que no es sino una dialéctica del ‘tiempo necesario’ y del ‘sobretrabajo’...” (ERRANDONEA, 1989, p.29)

produção⁴⁰. “En sua expresión más precisa, Marx define a la explotación por la plusvalía”⁴¹ (ERRANDONEA, 1989, p.30). Ainda, segundo Errandonea:

Entonces, la explotación, definida como apropiación del trabajo ajeno es común a todas las sociedades históricas de clases, aunque su análisis en los textos marxistas está referido casi siempre a su más perfecta expresión: cuando fuerza de trabajo e médios de producción – separados – constituyen valores de cambio; es decir, en el capitalismo. En realidad, esta forma más acabada de explotación es la meta a la que se llega a través de sus formas precedentes: “... la naturaleza no produce, de una parte poseedores de sus fuerzas personales de trabajo. Ese estado de cosas, no es, evidentemente, obra de la historia natural, ni es tampoco un estado de cosas social común a todas las épocas de la historia. Es indudablemente, el fruto del desarrollo histórico precedente, el producto de una larga serie de transformaciones económicas, de la destrucción de toda una serie de formaciones más antiguas en el campo de la producción social”. (1989, p.30)

Apesar do elevado grau de generalidade da categoria exploração, algumas críticas são feitas a sua exata extensão. “[...] la noción de explotación es una categoría económica que expresa la proporción de trabajo de una clase social con que se queda otra clase social” (ERRANDONEA, 1989, p.36). Assim, retifica, o sociólogo uruguaio:

“En su máxima capacidad explicativa, la categoria no habrá de incluir los privilegios, el trato reverencial y la gratificación que él implica, los accesos y posibilidades que otorgan el rango, prestigio, poder, conocimiento cuando ellos emanan de la propia condición de explotación. (Ni que hablar de cuando no resultan ella...) Serán plus sociales que escapan a la medida económica que en el capitalismo, por ejemblo, expresa la tasa de plusvalía. Y, por outra parte, el análisis económico tampoco registra la cualidad no-económica de la lucha y resistencia obrera, como dice Castoriadis. (ERRANDONEA, 1989, p.36-37)

⁴⁰ “Conflicto social es “toda relación de oposición entre grupos sociales producida, según comprobación posible, de manera sistemática “, dice Dahrendorf.” (ERRANDONEA, 1989, p.130)

⁴¹ “O produto, de propriedade do capitalista, é um valor de uso; fios, calçados etc. Mas, embora calçados sejam úteis à marcha da sociedade e nosso capitalista seja um decidido progressista, não fabrica sapatos por paixão aos sapatos. Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores de uso. Produz valores de uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor de troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor do conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de um valor de uso, quer produzir mercadoria; além de valor de uso, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais-valia).” (MARX, 2013, p.220)

A estrutura das classes sociais, o fenômeno das desigualdades sociais e a violência simbólica a que uma classe é submetida em detrimento da outra é impossível de ser explicada “de maneira uniforme y exclusiva por una sóla categoría” (ERRANDONEA, 1989, p.54).

Discorramos agora sobre a categoria dominação. Não é uma categoria que podemos definir univocamente já que possui uma extensa bibliografia teórica na história do conhecimento. É a partir da relação dessa categoria com seus inúmeros mecanismos de produção que diversos intelectuais desenvolveram suas teorias: Hobbes⁴², Locke⁴³ e Rousseau⁴⁴ a relacionam com a soberania; Michel Foucault⁴⁵ com o poder disciplinar⁴⁶ e o biopoder⁴⁷; Pierre Bourdieu⁴⁸ com a violência simbólica⁴⁹. “No hay, pues dimensiones o factores, sino instrumentos, “brazos” de la dominación” (ERRANDONEA, 1989, p.68-69). De viés marxista, leiamos como Errandonea descreve a dominação:

La institucionalización de una relación social concreta, en la cual unos deciden lo que implica a los otros y/o a todos, constituye una relación de dominación. Sea cual sea el mecanismo a través del cual se lo hace, el procedimiento utilizado, la ubicación de los que lo llevan a cabo, y el

⁴² Thomas Hobbes (5 de abril de 1588 — 4 de dezembro de 1679) foi um intelectual inglês. Sua obra mais conhecida, *Leviatã*, é uma defesa da soberania e da figura da autoridade inquestionável.

⁴³ John Locke (Wrington, 29 de agosto de 1632 — Harlow, 28 de outubro de 1704) foi um filósofo inglês, sua obra mais conhecida é o *Contrato Social*.

⁴⁴ Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 28 de Junho de 1712 — Ermenonville, 2 de Julho de 1778) foi um filósofo suíço e um dos principais intelectuais do Iluminismo. Também desenvolveu uma teoria acerca do contrato social.

⁴⁵ Michel Foucault (Poitiers, 15 de outubro de 1926 — Paris, 25 de junho de 1984) foi um filósofo francês, cientista social, historiador de ideias. Sua produção intelectual é uma das mais prodigiosas do século XX. Suas pesquisas relacionam poder, conhecimento e controle social.

⁴⁶ Foucault pensa o poder não de forma verticalizada, mas em rede, transpassando os corpos dos indivíduos. Segundo o pensador francês, o poder soberano, que admitia o suplício público, cede espaço a um poder disciplinar. Como na história das prisões, somos submetidos a rígidos horários, a comportamentos predeterminados, assim, garante-se o equilíbrio e a ordem através da administração dos corpos. Sobre esses age um controle disciplinar que os dociliza e produz indivíduos submissos que serão mão-de-obra no mercado.

⁴⁷ Termo que aparece primeiro no livro *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da sexualidade*. Designa as numerosas técnicas modernas para conseguir a subjugação dos corpos e o controle de populações. Fica-se rubro quando envergonhado, deprimido por não ter o corpo perfeito e atlético porque o poder atravessa os corpos e os controla.

⁴⁸ Pierre Bourdieu (Denguin, França, 1º de agosto de 1930 — Paris, França, 23 de janeiro de 2002) foi um filósofo francês e docente da École de Sociologie du Collège de France. Desenvolveu pesquisas nas áreas de educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política.

⁴⁹ A violência simbólica é uma forma de coação simbólica, de dominação, que induz o indivíduo a absorver e, conseqüentemente, reproduzir o discurso dos dominadores, ou seja, o paradigma dominante. O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta, no livro *Carnavais, malandros e heróis*, descreve o fenômeno dos subalternos que se projetam socialmente nos seus superiores. Isso ocorre porque os subalternos são submetidos a uma violência simbólica que os fazem reproduzir as marcas de sua dominação.

contenido de ellas; en una palabra, la configuración sistemática de la adopción de decisiones, constituye un sistema de dominación. (1989, p.68)

Ainda discorrendo sobre as características da categoria analítica dominação, o mesmo autor completa:

Lo dicho, permite afirmar que la dominación es bilateral, constituye siempre una relación de dominación, involucra necesariamente a dominante (o dominantes) y dominado (o dominados), y es normativa, consiste en una “probabilidad” compuesta por expectativas mutuas internalizadas – que se hacen comunes –, las cuales configuran “contenidos” posibles de mandados. Vale decir, que el hecho de la obediencia – con algún grado mínimo de voluntad –, tiene “límite” en la “legitimidad”. Esta “legitimidad” es requisito imprescindible para generar el “consenso” que toda dominación necesita; que el consenso “de por sí, no constituye una modificación de las bases de autoridad”, ni se relaciona con el antiautoritarismo, como hay la tendencia a suponerlo. Al fin y al cabo, como lo señala Stame, el dominar autoritariamente con consenso “no es un problema tan diferente del que se plateó Hobbes”. (1989, p.76)

As forças que interferem na política, na economia e na cultura da América Latina, desde sua conquista, transformam permanentemente o espaço social latino. O filósofo alemão Theodor W. Adorno⁵⁰ discorre, no livro *Dialética do esclarecimento* (2003), por exemplo, sobre as influências da indústria cultural⁵¹ que se manifestam na cultura de massa. A indústria

⁵⁰ Theodor W. Adorno (Frankfurt am Main, 11 de setembro de 1903 – Visp, 6 de agosto de 1969) foi um filósofo e sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Foi um dos expoentes da chama Escola de Frankfurt.

⁵¹ “Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos. A participação de milhões em tal indústria imporia métodos de reprodução que, por seu turno, fazem com que inevitavelmente, em numerosos locais, necessidades iguais sejam satisfeitas com produtos estandardizados. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção difusa exigiria, por força das coisas, organização e planificação da parte dos detentores. Os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição. Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. Automóveis, bombas e filmes mantêm o todo até que seu elemento nivelador repercute sobre a própria injustiça a que servia. [...] A passagem do telefone ao rádio dividiu de maneira justa as partes. Aquele, liberal, deixava ainda ao usuário a condição de sujeito. Este, democrático, torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. Não se desenvolveu qualquer sistema de réplica e as transmissões privadas são mantidas na clandestinidade. Estas se limitam ao mundo excêntrico dos amadores, que, ainda por cima, são organizados do alto. Qualquer traço de espontaneidade do público no âmbito da rádio oficial é guiado e absorvido, em uma seleção de tipo especial, por caçadores de talento, competições diante do microfone, manifestações domesticadas de todo o gênero. Os talentos pertencem à indústria muito antes que esta os apresente; ou não se adaptariam tão prontamente. A constituição do público, que

cultural ao mesmo tempo que impõe a América Latina uma cultura estrangeira, suprime e destrói a cultura local: as comidas típicas cedem espaço para os enlatados, a música nacional cede espaço à música internacional e os costumes se globalizam. Para o mercado capitalista, o sujeito metamorfoseia-se em mercadoria e, em uma macabra inversão, a mercadoria ganha um valor simbólico próprio. São as categorias marxistas da reificação⁵² e do fetichismo⁵³. Esse processo possui dois predicados que o caracteriza como mecanismos de dominação: é uma via de mão única e é impositivo. Ou seja, os mercados dominantes influenciam os mercados dominados e essa relação constrói-se pela imposição.

A “América era um negócio europeu” (GALEANO, 2013, p.45), a empresa não mudou, apenas trocou de dono. As treze colônias que formariam bem mais tarde o império norte-americano descobriu muito cedo “as grandes vantagens que se podem tirar da desgraça alheia” (GALEANO, 2013, p.97)⁵⁴. Cuba, uma pequena ilha do mar do Caribe com menos de

teoricamente e de fato favorece o sistema da indústria cultural, faz parte do sistema e não o desculpa.” (ADORNO, 2002, p.6)

⁵² “[...] uma das características básicas da sociedade capitalista, como observava Marx n’O Capital, ao estudar o “fetichismo da mercadoria”, é a forma invertida através da qual os fenômenos se manifestam à nossa consciência. Assim, procuram-se ocultar os vestígios humanos da sociedade, produzindo, em seu lugar, a ilusão fantasmagórica de que são as mercadorias “enfeitiçadas” que governam a vida dos homens.

Perante tal inversão, o pensamento cotidiano forma uma representação caótica da realidade. O homem comum olha para essa realidade invertida e capta o funcionamento aparentemente automático do sistema mercantil: um sistema fechado que parece ser movido pelas mercadorias e no qual o homem é um simples apêndice. No primeiro plano despontam as mercadorias como o elemento ativo da realidade social. Dotadas de um poder misterioso elas parecem manter relações “pessoais” entre si. O “fetichismo da mercadoria” tem como desdobramento a “reificação” (= coisificação) das relações humanas: relegados ao segundo plano, os indivíduos relacionam-se uns com os outros enquanto portadores de mercadorias, enquanto personificação das categorias econômicas.

Nesse contexto desumanizado, a arte defronta-se com um desafio: o de refletir a realidade social, o mundo dos homens [...]. Esse desafio, segundo Lukács, leva o verdadeiro artista a desmascarar [...] a aparência enquanto aparência, enquanto dissimulação da essência.

[...] E, ao fazer isso, o escritor toma partido, defendendo apaixonadamente a *humanitas* ameaçada pelas formas desumanizadoras de opressão.” (FREDERICO, 2013, p.90-91)

⁵³ “A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentimentos. [...] a forma mercadoria e a relação de valor entre os produtos do trabalho, a qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes. Uma relação social definida, estabelecida entre homem, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. [...] Chamo isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias.” (MARX, 2013, p.94)

⁵⁴ A acumulação de riqueza dos Estados Unidos da América, ainda hoje, está diretamente ligada a sua indústria bélica.

111 mil km² e uma população estimada de 11,2 milhões de habitantes, serve como ilustração, colônia espanhola explorada pelos Estados Unidos não tardou a sofrer as desvantagens de sua aptidão para o enriquecimento alheio,

Treze engenhos norte-americanos dispunham de mais de 47 por cento da área açucareira total e faturavam ao redor de 180 milhões de dólares por safra. A riqueza do subsolo – níquel, ferro, cobre, manganês, cromo, tungstênio – fazia parte das reservas estratégicas dos Estados Unidos, cujas empresas exploravam os minerais tão só de acordo com as variáveis urgências do exército e da indústria do norte. Em, 1958, havia em Cuba mais prostitutas registradas do que operários mineiros. Um milhão e meio de cubanos sofriam desemprego total ou parcial, segundo investigações de Seuret y Pino, citadas por Núñez Jiménez. (GALEANO, 2013. p.104)

Mesmo com os avanços, os indicadores mais atuais não chegam a desmentir o passado. E apesar da pobreza ter sido diminuída em 30% no ano de 2012, a taxa média de empregos informais na América Latina é de 47,7 %, chegando a 70% em alguns países. No Haiti, país com uma população de aproximadamente 11 milhões de pessoas, 7,3 milhões de habitantes ainda carecem de energia elétrica. A taxa média de encarcerados na América é de 39,5%, sendo de 22% na América do Norte e de 116% na América do Sul⁵⁵. A disparidade, pois, é fruto de uma realidade que põe, ironicamente, no mesmo palco, vencedores e perdedores,

Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já foi dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta-cabeça da grimpada de esplendidos dos metais preciosos no fundo buraco dos socavões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da floresta amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de quebrachos ou certos povoados petrolíferos do lago de Maracaibo têm dolorosas razões para acreditar na mortalidade das fortunas que a natureza dá e o imperialismo toma. A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominados de fora – é a maldição de nossas

⁵⁵ Dados extraídos do documento *Desigualdad e inclusión social en las Américas*, da Organización de los Estados Americanos (OEA).

multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga. (GALEANO, 2013, p.19)

Ante essa “realidade tão desafortada”, de intervenções constantes, o princípio da autodeterminação dos povos parece ser um monumento distante da imaginação humana. Eduardo Galeano nos oferece um exemplo fatídico e último dessa ruína histórica, das identidades vencidas:

A expropriação dos indígenas – usurpação de suas terras e de sua força de trabalho – foi e é simétrica ao desprezo racial, que por sua vez se alimenta da objetiva degradação das civilizações destruídas pela conquista. Os efeitos da conquista e todo o ulterior e longo tempo de humilhações despedaçaram a identidade cultural e social que os indígenas tinham alcançado. No entanto, essa identidade triturada é a única que persiste na Guatemala. Persiste na tragédia. Na Semana Santa, as procissões dos herdeiros dos maias apresentam terríveis exhibições de masoquismo coletivo. Eles arrastam pesadas cruces, participam passo a passo da flagelação durante a interminável subida do Gólgota; com gemidos de dor, converte-se Sua morte e Seu sepultamento no culto da própria morte e do próprio sepultamento, a aniquilação da formosa vida remota. A Semana Santa dos índios guatemaltecos termina sem ressurreição. (2013, p.77)

A história da América Latina é a história dos destinos usurpados. Diante dos deuses pagãos da Idade Moderna embarcados nas caravanas, os ameríndios se desarmaram e nem suas predições astronômicas mais exatas puderam lhes fazer escapar do genocídio que o mar, não o céu, trouxe. Séculos depois, a profecia não deixou dúvidas de sua precisão. A América Latina hoje, constituída de uma identidade inconfundível, ainda é a periferia do mundo capitalista. É de Oliveiros L. Litrento o fragmento abaixo:

Os índios, enfraquecidos moralmente por suas crenças, povos, que acreditaram outrora no grande deus Quetzacoatl, de pele branca, longa barba, que partira para os mares do Oriente, mas prometera voltar, parecia-se com os espanhóis de Cortez, que eram brancos, usavam longas barbas e voltavam daqueles mares de onde o deus prometera o regresso. Mas com a vitória os deuses brancos se revelaram cruéis, mesmo utilizando ou pretendendo utilizar a cruzada de Cristo. Assim, os povos amarelos da América, embora dentro da ideia real da assimilação, foram contribuir para as *encomiendas* e *repartimientos* da nova sociedade colonial. A fidelidade ao chefe e ao Senhor seria a palavra de ordem dos clãs e clientelas. Nascia o Estado colonial, na América, sob o signo da centralização real e da teologia dos mosteiros, cuja proteção aos colonizados amenizava a crueldade dos senhores. (1964, p.34)

Foi Francisco de Vitória, teólogo e filósofo espanhol e um dos fundadores da Escola de Salamanca⁵⁶, o principal defensor dos ameríndios no século XVI. “O princípio da autodeterminação dos povos vai buscar suas raízes jurídicas, pois, em Vitória. Abrindo para os indígenas da América o caminho de uma existência justa, analisa a tutela como benefício exclusivo do tutelado, e de modo algum para vantagem do tutor” (LITRENTO, 1964, p.35). “Com o verdadeiro sentido cristão de Deus em marcha, [Francisco de Vitoria] considerou os direitos fundamentais do homem como condição indispensável para que o Estado sobrevivesse na sociedade internacional, direitos necessários à realização do bem comum.” (LITRENTO, 1964, p.34).

Revelada sua origem e seu valor histórico, falta, finalmente, definir o princípio da autodeterminação dos povos. Segundo Olveiros L. Litrento:

O princípio da autodeterminação dos povos vem sendo compreendido como o direito que têm os povos de escolher livremente sua forma de governo e seus governantes. Mas a definição incompleta e ambígua, pois que nos dias atuais [...] somente pode ser aquele princípio interesse para o Direito Internacional Público, se respeitados, em seu exercício, os direitos fundamentais do homem.” (1964, p.205)

Incluído na Carta da ONU e na Declaração sobre a Convenção da Independência aos Países e Povos Coloniais⁵⁷, o princípio da autodeterminação dos povos é, “também, diante da Filosofia do Direito Internacional, um direito essencial à liberdade, síntese da soberania e o homem.” (LITRENTO, 1964, p.31).

A vocação dos povos para independência é, pois, uma espécie da vocação gênica do homem para a liberdade. Todo homem deseja ser livre, assim como todo povo constituído, ou seja, linguisticamente e culturalmente constituído e que possua uma tradição e uma memória coletiva, deseja a independência. O fragmento a seguir dimensiona a importância do dispositivo internacional:

⁵⁶ Importante e influente centro intelectual. Os professores da Escola de Salamanca eram profundos conhecedores dos escolásticos medievais.

⁵⁷ Adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 1514 (XV), de 14 de Dezembro de 1960. Declara no seu primeiro e segundo artigo que: 1. A sujeição de povos à subjugação, exploração e domínio estrangeiros constitui uma negação dos direitos humanos fundamentais, é contrária à Carta das Nações Unidas e compromete a causa da promoção da paz e cooperação mundiais; 2. Todos os povos têm o direito à autodeterminação; em virtude deste direito, podem determinar livremente o seu estatuto político e prosseguir livremente o seu desenvolvimento económico, social e cultural;

Se a Carta da O.N.U. estabelece, nos seus artigos 1, nº2, e 55, como condições necessárias à estabilidade e o bem-estar das nações do mundo, os princípios da igualdade de direitos e autodeterminação dos povos, lançando luz sobre o assunto em seu art. 73, chave para a solução do problema da paz e segurança internacionais, pois que todos os povos, inclusive os tutelados, aspiram à autonomia, é evidente que o princípio da autodeterminação se fundamenta num direito de liberdade, inconciliável com o imperialismo e seus corolários de submissão, medo, miséria, perseguições religiosas, de absoluto desprezo à livre manifestação do pensamento e à dignidade do homem. (LITRENTO, 1964, p. 62)

O povo latino-americano, herdeiro da colonização e descendente direto daquele primeiro agrupamento de flagelos nativos e dos seus filhos mestiços⁵⁸, espera o fim do julgo quase intransponível a que esteve sempre submetido – pela cobiça mercantilista europeia ou pelo anseio de expansão imperialista norte-americano – para, enfim, se autodeclarar livre.

4. CONGRESSO DE SUICIDAS: direito, literatura e memória do sangue na América Latina

A América Latina foi historicamente marcada pela dominação. Governos autoritários e intervenções externas se revezaram na implementação de aparelhos de repressão que marcaram para sempre o povo latino. Destarte, as contradições políticas, econômicas e sociais influíram e moldaram profundamente a literatura latino-americana⁵⁹. A expressão literária hispano-americana é, pois, uma reação ao que Gabriel García Márquez (2010) denominou de “realidade descomunal”⁶⁰. No discurso para o prémio Nobel de 1982, o insigne colombiano arrematou:

Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. (MÁRQUEZ, 2010, p.9-10)

⁵⁸ O mestiço é um dos principais personagens na formação identitária do povo latino. No conto “Boa Viagem, Senhor Presidente”, da obra *Doze contos peregrinos* (2009), de Gabriel García Márquez, o ditador caribenho exilado, define a condição de mestiço: “A palavra mestiçagem significa misturar as lágrimas com o sangue que corre.” (MARQUEZ, 2009, p. 42)

⁵⁹ “Encontramos a marca da história na obra literária precisamente como literária, não como qualquer forma superior de documentação social.” (EAGLETON, 2011, p.50)

⁶⁰ A *solidão da América Latina*, título do discurso proferido por Gabriel García Márquez na entrega do prémio Nobel de 1982, é uma reflexão do escritor sobre as condições de existência do povo latino.

O povo latino-americano não conheceu tragédia superior a causada pelos seus dominadores. Produzimos um desfile de ditadores tão insanos, cães de guarda dos interesses estrangeiros, que seus atos oficiais envergonharia a mente mais devaneadora,

O general Maximiliano Hernández Martínez, o déspota teósofo de El Salvador que fez exterminar numa matança bárbara 30 mil camponeses, tinha inventado um pêndulo para averiguar se os alimentos estavam envenenados, e mandou cobrir de papel vermelho a iluminação pública para combater uma epidemia de escarlatina. (MARQUEZ, 2010, p.8)

Esses governantes dementes deram causa a tantos delírios funestos da imaginação que não é de se espantar que os críticos da literatura europeia não tenham conseguido ler na literatura latino-americana a denúncia das atrocidades diárias desse rincão de terra desprezado pela memória universal. É de Gabriel García Márquez, no seu discurso do prêmio Nobel de 1982, o saldo inverossímil:

Os desaparecidos pela repressão somam quase 120 mil: é como se hoje ninguém soubesse onde estão todos os habitantes da cidade de Upsala. Numerosas mulheres presas grávidas deram à luz em cárceres argentinos, mas ainda se ignora o paradeiro de seus filhos, que foram dados em adoção clandestina ou internados em orfanatos pelas autoridades militares. Por não querer que as coisas continuem assim, morreram cerca de duzentas mil mulheres e homens em todo o continente, e mais de cem mil pereceram em três pequenos e voluntariosos países da América Central – Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se fosse nos Estados Unidos, a cifra proporcional seria de um milhão e 600 mil mortes violentas em quatro anos. Do Chile, país de tradições hospitaleiras, fugiram um milhão de pessoas: dez por cento de sua população. O Uruguai, uma nação minúscula de dois milhões e meio de habitantes e que era considerado o país mais civilizado do continente, perdeu no desterro um de cada cinco cidadãos. A guerra civil em El Salvador produziu, desde 1979, quase um refugiado a cada 20 minutos. O país que poderia ser feito com todos os exilados e emigrantes forçados da América Latina teria uma população mais numerosa que a da Noruega. (MARQUEZ, 2010, p.9)

O quantidade inconcebível de vítimas – na Argentina, as Mães da Praça de Maio⁶¹ estimam, atualmente, em mais de 30.000 mil o número de desaparecidos políticos – é, pois, produto dos incontáveis ditadores luciferinos, bastardos de mãe latina e pai anglo-saxão. No

⁶¹ As Madres de Plaza de Mayo são mulheres que se reúnem na Praça de Maio, em Buenos Aires, para exigirem notícias de seus filhos desaparecidos durante o período da ditadura militar (1976-1983).

Haiti, François Duvalier⁶², mais conhecido como Papa Doc, fazia uso de rituais vodu e de um grupo de assassinos liderado por uma mulher, Madame Max, para exterminar seus opositores. Augusto Pinochet, no dia 11 de setembro de 1973, conduziu, cercou e bombardeou com suas tropas o Palácio de La Moneda⁶³. O ditador golpista e cruel governou por mais de 20 anos.

O Brasil, apesar de ter sofrido tanto quanto os outros países – foi governado por militares entre 1964 e 1985 – ainda não conseguiu se reconciliar com sua memória de sangue. Centenas de famílias de desaparecidos ainda ignoram o paradeiro de seus entes queridos. E mesmo o tema da tortura nos calabouços do regime e sua reprodução nos batalhões das polícias militares, ainda hoje, não é um assunto plenamente resolvido.

“Hegel diz em algum lugar que todos os grandes fatos e personagens da história universal aparecem, por assim dizer, duas vezes” (ENGELS; MARX, 2010, p.130), na América Latina, que Hegel provavelmente não conhecia, as catástrofes e seus ditadores surgem incontavelmente. A independência que o povo latino-americano sempre almejou lhe é negada em sucessivas punhaladas, e é esse o maior obstáculo para a sua autodeterminação,

Sendo a comunidade o meio indispensável para que o homem realize seus múltiplos destinos, os direitos fundamentais de cada um de seus membros, ou seja, da pessoa humana, devem ser criteriosamente respeitados, sem o que não haverá paz, a paz decorrente da ordem, segundo o admirável conceito de Santo Agostinho. E esta – a harmonia em sociedade – o bem-estar social, finalidade máxima do Estado, é parcela necessária à composição de um bem-estar de conceito mais amplo, indispensável, à manutenção da ordem internacional: o bem comum de todos os Estados. (LITRENTO, 1964, p.114-115)

Segundo Terry Eagleton⁶⁴, “toda arte surge de uma concepção ideológica do mundo” (2011, p.37). A literatura latino-americana é, pois, o reflexo⁶⁵ da realidade que se abateu sobre

⁶² O ditador haitiano nasceu em Porto Príncipe, em 14 de abril de 1907, e morreu na mesma cidade, em 21 de abril de 1971. Foi médico e etnólogo. Comandou o Haiti entre 1957 e 1971 com apoio dos Estados Unidos e de uma guarda civil sanguinária conhecida como tontons macoutes (bichos-papões).

⁶³ Diante dos tanques e da morte eminente, ultimado a deixar o poder, o único presidente socialista eleito democraticamente na América Latina até então, Miguel Allende, não teve dúvidas, pagou com a vida a lealdade do povo.

⁶⁴ Terence Francis Eagleton é um filósofo e crítico literário marxista do Reino Unido.

⁶⁵ “Em ensaios das décadas de 1930 e 1940, Georg Lukács adota a teoria epistemológica do reflexo de Lenin: toda percepção do mundo exterior é apenas um reflexo dele na consciência humana. [...] o conhecimento é uma percepção das categorias subjacentes a essas aparências – categorias que podem ser descobertas pela teoria científica ou (para Lukács) pela grande arte.” (EAGLETON, 2011, p.93)

o seu povo e que não permite, até hoje, sua autodeterminação. “Entender a literatura significa, então, entender todo processo social do qual ela faz parte” (EAGLETON, 2011, p.19).

O romance *Cem anos de solidão* (2010), do colombiano Gabriel García Márquez, frequentemente classificado como obra do realismo mágico⁶⁶, é, não há dúvidas, uma das maiores alegorias⁶⁷ da América Latina. Nessa obra “A realidade se mistura com a fantasia; os elementos da vida cotidiana com os sonhos. [...] Na história dos Buendía se misturam mito, fábula e realidade: é a história de todos os homens e seus sonhos, suas frustrações e suas lutas.” (JOZEF, 1971, p.313).

Já o romance *Vidas Secas* (1996), de Graciliano Ramos, obra inscrita no denominado realismo de 1930, é uma obra de tensão crítica, ou seja, o “herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente” (BOSI, 2006, p.392). Por isso, classificar *Vidas Secas* (1996) de ficção regionalista⁶⁸ é o mesmo que estreitar demasiadamente a universalidade dessa obra. Fabiano, protagonista do romance, é o representante dileto dos dilemas do homem.

É de Terry Eagleton o inserto “A mentalidade social de uma época é condicionada pelas relações sociais dessa época. Não há outro lugar em que isso fica mais evidente do que

⁶⁶ “A constatação de um vigoroso e complexo fenômeno de renovação ficcional, brotado entre os anos 1940 e 1955, gerou o afã de catalogar suas tendências e encaixá-las sob uma denominação que significasse a crise do realismo que a nova orientação narrativa patenteava. Assim, realismo mágico veio a ser um achado crítico-interpretativo, que cobria, de um golpe a complexidade temática (que era realista de um outro modo) do novo romance e a necessidade de explicar a passagem da estética realista-naturalista para a nova visão (“mágica”) da realidade.” (CHIAMPI, 1980, p.19)

⁶⁷ “Etimologicamente, alegoria vem de *allos* (outro) e *agourein* (falar), portanto, quer dizer: falar o outro. A alegoria é um procedimento retórico através do qual se exprime um sentido, não imediatamente compreensível, diverso do sentimento literal.

Na arte, a definição clássica de alegoria foi formulada por Aristóteles, que a entendia como uma “metáfora continuada”, isto é, uma encadeamento de imagens. A alegoria, portanto, é uma forma figurada através da qual se representa uma coisa para se indicar outra, representa-se algo concreto para se exprimir uma ideia abstrata.

Um exemplo claro do procedimento alegórico é a figuração da justiça. A ideia abstrata se concretiza na imagem de uma mulher com os olhos vendados, com uma espada em uma mão e a balança na outra. É somente a *ideia* de justiça o que pode iluminar e dar sentido às várias “partes” que constituem a imagem: a venda nos olhos, a espada, a balança.” (FREDERICO, 2013, p.139-140)

⁶⁸ Esta é a grande conquista de Graciliano: superar na montagem do protagonista (verdadeiro “primeiro lutador”) o estágio no qual seguem caminhos opostos o painel da sociedade e a sondagem moral. Daí parecer precária, se não falsa a nota de regionalista que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Nelas, a paisagem capta-se menor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*, assassino e suicida em *Angústia*. (BOSI, 2006, p.402)

na História da Arte e da Literatura” (EAGLETON, 2011, p.18). Assim, *Cem anos de solidão* (2010) e *Vidas Secas* (1996) são espetáculos, mimeses, angustiantes do real.

4.1 A MORTE PELAS BANANAS

Diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aurelino Buendía, comandante das tropas rebeldes na Guerra Civil de Macondo e pai de Aureliano II – provavelmente a identidade real de José Arcádio II –, pensa na sua infância, na primeira vez que viu o gelo⁶⁹. Foge, mas mesmo quando escapa das determinações do destino, sua memória está irremediavelmente preso a condição de dominado. O gelo, a primeira maravilha de sua infância, é trazido à aldeia de Macondo por estrangeiros. Assim como Édipo, diante do assombro das visões oraculares⁷⁰, o Coronel Aureliano, herói das revoluções liberais de Macondo, tentando escapar de sua sina – que é a mesma da América Latina: a dominação – termina por ser a maior alegoria de sua derrota,

A paródia e a carnavalização, a ironia e a crítica, que acompanham a expressão dos passos do Coronel se fazem mais patentes na cena da desentronização final do herói de trinta e duas guerra: a assinatura do armistício de Neerlandia. Uma comissão do partido viera ao Coronel Buendía propor a renúncia de quase todos os ideais por que lutavam: renunciar à revisão dos títulos de propriedade de terras para recuperar o apoio dos proprietários liberais; renunciar à luta contra influencia clerical para recuperar o apoio do povo católico; renunciar à lei que tornava iguais os direitos de filhos legítimos e naturais para recuperar a integridade dos lares. (RODRIGUES, 1993, p.86)

A paródia é explícita⁷¹, têm sido essas, entre tantas outras, as renúncias do povo latino: algumas vezes por causa das determinações alheias, outras por causa de suas próprias

⁶⁹ O narrador de *Cem anos de solidão* (2010) inicia o romance com uma prolepse, figura de estilo que remete a um fato futuro: “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo.” (MÁRQUEZ, 2010, p.43)

⁷⁰ O Oráculos dos Delfos era uma área proibida no interior do Templo de Apolo. Local sagrado destinado aos sacerdotes que decifravam as profecias dos deuses transmitidas por uma médium possuída.

⁷¹ “A assinatura do armistício se faz a 20 quilômetros de Macondo, dentro de uma barraca remendada de circo. Assim o narrador nos dá conta da chegada deseroicizada do guerreiro de Macondo: “O Coronel Aurelino Buendía chegou numa mula enlameada. Estava barbado, mais atormentado pela dor dos furúnculos que pelo imenso fracasso dos seus sonhos, pois tinha chegado ao fim de qualquer esperança, além da glória e da saudade da glória” (CAS, p.160)” (RODRIGUES, 1993, p.86-87)

determinações corrompidas. “Antes de capitular, ele [Coronel Aureliano Buendía] havia observado com humor e amargura, a propósito do acordo que o Partido Liberal pretendia assinar com o governo: “É contra-senso [...], quase vinte anos estivemos lutando contra os sentimentos da nação” (CAS, p.153)” (RODRIGUES, 1993, p.86)⁷².

Cem anos de solidão (2010) aproxima, a partir do recurso da polissemia, textos bíblicos – do velho e do novo testamento: êxodo, gêneses, as pragas e o apocalipse – e fatos históricos à fantástica⁷³ paródia narrativa. Sobre os textos bíblicos, arremata Selma Calasans Rodrigues:

Qualquer leitor espontâneo de *Cem anos de solidão* percebe sem esforço, que aquele espaço romanesco está estruturado segundo o modelo do mito cosmogônico e escatológico da tradição judaico-cristã narrada pela Bíblia, que vai do Gênese (Velho Testamento) ao Apocalipse (Novo Testamento). (RODRIGUES, 1993, p.73)

José Arcádio Buendía e Úrsula Iguarán, patriarcas dos Buendía, por exemplo, em uma clara inversão – paródia do êxodo – fundam Macondo. “Tendo deixado o local “perigoso” (o “êxodo”), Úrsula e José Arcadio, acompanhados por alguns amigos, passam ao “gênese”, pois haviam partido em busca da “terra que ninguém lhes havia prometido” (CAS, p.27) e encontram um local onde fundam a aldeia” (RODRIGUES, 1993, p.77). Assim é descrito o vilarejo formado:

Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapé construídas na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. (MÁRQUEZ, 2010, p.43)

⁷² O Coronel Aureliano Buendía, depois do fim da guerra civil, resigna-se na sua amargura, certa vez um soldado traz notícias do resultado de sua luta inglória, “um verdadeiro carnaval político é o saldo de tudo” (RODRIGUES, 1993, p.87): “Que o governo conservador [...] com o apoio dos liberais, estava reformando o calendário para que cada presidente ficasse cem anos no poder. Que finalmente tinha sido firmada a concordata com a Santa Sé, e que um cardeal tinha vindo de Roma com uma coroa de diamantes e um trono de ouro maciço, e que os ministros liberais tinham sido fotografados de joelho no ato de beijar seu anel. Que a corista principal de uma companhia espanhola, ao passar pela capital, havia sido sequestrada por um grupo de mascarados e no domingo seguinte tinha dançado nua na casa de veraneio do presidente da república.” (MÁRQUEZ, 2009, p.237)

⁷³ “Denomina-se literatura fantástica a que utiliza o nível onírico ou sobrenatural para envolver o leitor em clima de magia e capacitá-la a perceber a multiplicidade de planos que possui a existência.” (JOZEF, 1986, p.87)

O trecho transcrito inicia o leitor na obra. O primeiro capítulo do romance é, pois, a criação do mundo, formação do espaço e do tempo mítico. Todas as inversões que se sucederão, bíblicas ou históricas, são alegorias da gêneses e da degradação do espaço provocadas pelos agentes do pretense desenvolvimento da América Latina.

Os acontecimentos modificadores, fenômenos naturais e antrópicos, da condição inicial de Macondo serão mimeses das pragas bíblicas, e elas encaminharão a cidade mítica ao seu fim apocalíptico. Segundo Selma Calasans Rodrigues:

A praga é a manifestação ostensiva da cólera divina, tanto no texto bíblico, como nos mitos da antiguidade (cf. Édipo). As pestes são a concretização dessas manifestações. No Antigo Testamento, Yaveh desencadeia sobre o Egito 10 pragas para castiga-lo pela detenção do povo hebreu escravizado. As pragas seriam, desse modo, arma de liberação, de purificação. Em Macondo, ao contrário, o equivalente às pragas não corresponde nem à vontade divina, nem se trata de arma de liberação. Numa inversão paródica dos textos consagrados, as pragas são momentos de decadência que se vão encadeando e acentuando com a evolução do enunciado narrativo. (1993, p.79)

A última “praga” que se abate sobre Macondo⁷⁴, “paralela e homóloga às guerras” (RODRIGUES, 1993, p.87), em *Cem anos de solidão* (2010), é a Companhia bananeira, uma multinacional que explora o cultivo da fruta tropical:

[...] a invasão imperialista da Companhia Bananeira, sem dúvida uma sátira à United Fruit, que exerceu um poder indiscriminado na América Hispânica. “Trade not aid” era o lema dos Estados Unidos, que pretendiam investir capitais privados americanos em empresas americanas ou com forte participação americana e não empresas nacionais que atuassem competitivamente em relação àquelas, que ameassem assim o poder imperialista anglo-saxão. (RODRIGUES, 1993, p.87-88)

Em certo momento da trama, a empresa é acusada pelos grevistas de não pagar os salários em dinheiro e sim em vales que só poderiam ser trocados em produtos vendidos pela própria Companhia. Denunciam as péssimas condições de trabalho e o falseamento dos serviços médicos. O narrador de *Cem anos de solidão* (2010) é de uma ironia⁷⁵ cortante: “Os

⁷⁴ Sobre as outras pragas, remetemos o leitor a obra *Macondamérica: a paródia* em Gabriel García Márquez, de Selma Calasans Rodrigues.

⁷⁵ Segundo Lukács: “Para o romance, a ironia é essa liberdade do escritor perante deus, a condição transcendental da objetividade da configuração. Ironia que, com dupla visão intuitiva, é capaz de vislumbrar a plenitude divina do mundo abandonado por deus; que enxerga a pátria utópica e perdida

engenheiros, em vez de construir latrinas, levavam aos acampamentos, no Natal, uma retrete portátil para cada cinquenta pessoas, e faziam demonstrações públicas de como utilizá-las para que durassem mais” (MÁRQUEZ, 2010, p.335). O desenlace é fatídico: “A penetração americana em Macondo é rápida e sub-reptícia. É o Coronel Aureliano Buendía quem sintetiza: “Olhem a confusão em que nos metemos [...] – só por termos convidado um americano para comer bananas” (CAS, p.205)” (RODIGUES, 1993, p.88).

Macondo, assim como a América Latina, nunca mais será a mesma. “Essa “peste” (a Companhia Bananeira), que, de acordo com os habitantes, lembra as guerras do Coronel Aureliano, modifica de tal modo a aldeia que a população se sente movida a percorrê-la todos os dias para o reconhecimento de sua própria terra natal” (RODRIGUES, 1993, p.88). O que *Cem anos de solidão* (2010) descreve são as investidas estrangeiras desde a colonização, de Macondo e da América Latina, que não deram tréguas a esse povo marcado pela vontade inenarrável de se autodeterminarem e que contra todas as adversidades, naturais e sobrenaturais, resistem e forjam do desespero e da fé sua identidade. A obra lida é um reflexo das condições aviltantes que forjaram o povo latino. Eduardo Galeano, no seu livro *As veias abertas da América Latina*, ratifica a história:

Os turistas adoram fotografar os indígenas do altiplano vestidos com suas roupas típicas. Ignoram, por certo, que a atual vestimenta indígena foi imposta por Carlos III em fins do século XVIII. Os trajes femininos que os espanhóis obrigaram as índias a usar eram cópias dos vestidos regionais das lavradoras estremenhas, andaluzas e bascas, e outro tanto ocorre com o penteado das índias, repartido ao meio, imposto pelo vice-rei Toledo. O mesmo não ocorre com o consumo de coca, que não nasceu com os espanhóis: já existia no tempo dos incas. A coca, no entanto, era distribuída com parcimônia; o governo incaico a monopolizava e só permitia seu uso para fins rituais ou para o duro trabalho nas minas. Os espanhóis estimularam intensamente o consumo da coca. Era esplêndido negócio. No século XVI, em Potosí, gastava-se tanto em roupas europeias quanto em coca para oprimidos. Em Cuzco, 400 mercadores espanhóis viviam do tráfico de coca: nas minas de prata de Potosí entravam anualmente 100 mil cestos com 1 milhão de quilos e folhas de coca. A igreja arrecadava imposto da droga. O inca Garcilaso de la Veja nos conta, em seus “comentários reais”, que a maior parte da renda do bispo, dos cônegos e demais ministros da igreja de Cuzco provinha dos dízimos sobre a coca, e que o transporte e a venda deste produto enriqueciam muitos espanhóis. Com as escassas moedas que obtinham em troca de trabalho, os índios compravam folhas de coca em vez de comida: mastigando-as, podiam suportar melhor as mortais tarefas impostas, ainda que ao preço de abreviar a vida. Além da coca, os indígenas de Potosí continuam queimando as tripas com álcool puro. São estéreis

da ideia que se tornou ideal e ao mesmo tempo apreende em seu condicionamento subjetivo-psicológico, em sua única forma de existência possível” (LUKÁCS, 2009, p.95).

desforras dos condenados. Nas minas bolivianas, os operários ainda chamam de mita o seu salário. (2013, p.73)

No episódio da greve, a justiça é representada como sendo um mecanismo eficaz de manutenção do poder, controlada pela classe dominante. O narrador, corrosivo, denuncia uma prática que não difere em nada com as adotadas no interior dos Estados nacionais latinos: a instrumentalização e a particularização do direito por uma classe. Celso Frederico Assinala que:

O direito tem sua gênese em importantes formas ideológicas da vida cotidiana, como os costumes, tradições, moral e convenções e, delas, continua permanentemente recebendo insumos. As normas de conduta também se generalizam no direito: os casos aparentemente singulares e imediatos são enquadrados em normas gerais abstratas, sistemáticas e universais, que, em verdade, expressam basicamente os interesses particulares da classe dominante. (2013, p.167)

O romance do autor colombiano, portanto, revela as intrincadas relações de poder e delata as manobras de manipulação social. Para expor as práticas maculadas do direito, o narrador ridiculariza o discurso jurídico e suas autoridades comprometidas com o grupo dominante, demonstrando o quão absurda pode ser uma tese de advogados ratificada pelo judiciário. Leiamos o fragmento:

Cansados daquele delírio hermenêutico, os trabalhadores repudiaram as autoridades de Macondo e elevaram suas queixas aos tribunais supremos. E foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de qualquer valor, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tivera jamais, trabalhadores a seu serviço, mas os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário. (MÁRQUEZ, 2010, p.336)

Diante da falta de representatividade – jurídica, política – e da abominável união entre os dominadores estrangeiros e a classe dominante nacional, uma chaga atemporal da América Latina, os trabalhadores deflagram a greve. A solução é sangrenta. O tenente, após ler “ao megafone o Decreto número quatro do Clube Civil Militar da província, que “classificava os grevistas de quadrilha de malfeitores e facultava ao exército o direito de mata-los a bala” (CAS, p.269)” (RODRIGUES, 1993, p92), ordena a execução sumaria de três mil grevistas. A semelhança com a realidade não é coincidência. O episódio narrado no romance faz parte de um desses momentos indizíveis da história do povo latino-americano:

Na Colômbia, a United Fruit já se tornara dona do maior latifúndio do país quando, em 1923, eclodiu uma greve na costa atlântica. Os trabalhadores bananeiros foram aniquilados a tiros, na frente de uma estação ferroviária. Um decreto oficial tinha sido publicado: “Os homens de força pública estão autorizados a castigar pelas armas...”, e depois não houve necessidade de editar nenhum decreto para apagar a matança da memória oficial do país. (GALEANO, 2013, p.150)

Em *Cem anos de solidão* (2010), a literatura manifesta-se como insinuação, resvalando na realidade. Assim, tanto na descrição de Eduardo Galeano quanto no discurso mítico do romance, as forças de segurança pública militar cumprem seu papel, o de aniquilar os inimigos do poder e manter a ordem vigente. “Ditadores, torturadores, inquisidores: o terror tem funcionários, como o correio ou os bancos, e é aplicado porque é necessário” (GALEANO, 2013, p.357). Selma Calasans, assim descreve o episódio:

O relato do massacre termina com a cena carregada de emoção de José Arcádio Segundo pondo a salvo o menino num espaço mágico, “num espaço limpo vedado aos tiros [...] antes que o tropel colossal arrasasse com o espaço vazio, com a mulher ajoelhada, com a luz do alto céu de seca e com o puto mundo onde Úrsula Iguarán tinha vendido tantos animaizinhos de caramelo” (CAS, p.270).

José Arcádio Segundo, tal como o Coronel Aureliano outrora, salva-se desse massacre (bem como de todas as buscas do exército, até mesmo tornando-se magicamente invisível, no refúgio do laboratório de alquimia). Após o massacre, ele desperta dentro de um dos 200 vagões de trem de Macondo, que leva 3.000 mortos empilhados como cachos de banana, para serem jogados ao mar. Dias após, o governo “decreta” que nada havia acontecido em Macondo e que a população, feliz, havia voltado para casa. Essa versão dos acontecimentos, imposta pelo poder, é a que vai predominar na consciência da população desmemoriada. (RODRIGUES, 1993, p.93)

O relato da greve e de seu desfecho sanguinolento finda com uma máxima dos embates entre dominantes e dominados: é do vencedor o direito de contar a história. O aforismo marxista “a ideologia no capitalismo é a ideologia burguesa”⁷⁶ deveria ser emendada: a memória também.

“Acreditando que o processo de liberdade é irresistível e irreversível e que a fim de evitar crises graves, é preciso pôr fim ao colonialismo e a todas as práticas de segregação e

⁷⁶ “A ideologia nasce da prática concreta dos homens que agem em sociedade. A resposta às demandas sociais engendra necessariamente a sua presença. Antes de mais nada, a ideologia é aquela “forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e imperativa”.” (FREDERICO, 2013, p.165)

discriminação que o acompanham” (ONU, 1960, p.1), a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas votou, em 14 de Dezembro de 1960, a Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais. Apesar disso, de lá para cá, as intervenções externas, assim como a dependência⁷⁷ da América Latina não cessaram. Persistem assolando a vontade intransponível do povo latino de segurar as rédeas do seu destino, congregando os direitos que lhe são inalienáveis: o direito de se autodeterminarem e o seus direitos fundamentais à vida, à paz, à justiça e à dignidade. “Vinculam-se e conciliam-se, pois, intimamente, a autodeterminação, ou seja, a soberania, e o homem, pois que são igualmente importantes para o Direito Internacional Público, seus sujeitos mais importantes: os povos organizados em Estados e o homem.” (LITRENTO, 1964, p.194).

O episódio analisado em *Cem anos de solidão* (2010) atesta liricamente o crime: a dependência econômica⁷⁸ é uma ferida aberta da América Latina. E suas reverberações, apesar de poéticas no romance do insigne colombiano, são catastróficas para humanidade.

O respeito ao Princípio da Autoderminação dos Povos, conclamada pela ONU e seus Estados-membros, apesar de uma conquista que engatinha, deve ser uma agenda ininterrupta. “Evidentemente que as limitações são muitas ao princípio da autodeterminação, o que não implica, de maneira alguma, em sua negação, nem sob o ponto de vista histórico, nem político, nem jurídico” (OLITRENTO, 1964, p.63). A concretização desse princípio é imprescindível para a conservação da espécie humana: o grau de determinação dos povos afere o grau de respeito aos direitos humanos de toda humanidade.

4.2 ASSASSINOS DO ESTADO: o caso do policial amarelo

Vidas secas (1996), de Graciliano Ramos, publicado em 1938, não atesta nada diferente. O narrador de Graciliano Ramos põe em cena as desventuras de uma família de retirantes perante os elementos de degradação do homem. Segundo Alfredo Bosi⁷⁹:

⁷⁷ “O conceito de dependência surge na América Latina como resultado do processo de discussão sobre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Na medida em que não se realizam as expectativas suscitadas pelos efeitos da industrialização, coloca-se em dúvida a teoria do desenvolvimento, que serve de base para o modelo de desenvolvimento social e independente elaborado nos anos 1950.” (SANTOS, 2012, p.398)

⁷⁸ “A dependência é uma situação em que um certo grupo de países tem sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual a própria está submetida. A relação de interdependência entre duas ou mais economias, entre elas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dependentes) só podem fazer isso como reflexo dessa expansão, que pode agir de forma positiva ou negativa sobre o seu desenvolvimento imediato. De qualquer forma, a situação básica de dependência leva a uma situação global dos países dependentes que os coloca em posição de atraso e sob a exploração dos países dominantes.” (SANTOS, 2012, p.401)

O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos. (BOSI, 2006, p.402)

Fabiano e sua família, refugiando-se da seca e da morte, escapam das determinações da natureza, mas passam a sofrer o julgo dos homens. “[...] os homens não são livres para escolher suas relações sociais; eles são restringidos a elas pela necessidade material – pela natureza e pelo estágio de desenvolvimento do seu modo de produção econômico.” (EAGLETON, 2011, p.20).

Explorada e oprimida, a família de retirantes mimetiza a classe trabalhadora humilhada pelo patrão, alegoria da classe dominante. “O historiador do século XXI que, ajudado pela perspectiva do tempo, puder ver com mais clareza as linhas-de-força que atravessam a ficção brasileira neste fim de milênio, talvez divise, como dado recorrente, certo estilo de narrar brutal” (BOSI, 2006, p.434). *Vidas Secas* (1996) assume a feição do Mito do Eterno Retorno, assim como a humanidade, termina onde começou: entre um insulto e outro, caminhando em busca da liberdade e da dignidade. Terry Eagleton, descreve uma definição fundamental da obra de arte:

As obras [...] são formas de percepção, e formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a “mentalidade social” ou ideológica de uma época. Essa ideologia, por sua vez, é produto das relações sociais concretas das quais os homens participam em um tempo e espaço específicos; é o modo como essas relações de classe são experienciadas, legitimadas e perpetuadas. (EAGLETON, 2011, p.19-20)

Assim, quando Fabiano tenta contestar a injustiça cometida pelo seu patrão e é demitido, consciente que não tem onde morrer nem viver, “baixa a pancada e amunheca”, reverberando na sua ação, avançar e recuar, o movimento da classe trabalhadora frente aos desmandos dos proprietários dos meios de produção,

⁷⁹ É professor da USP, crítico e historiador da literatura brasileira, e membro da Academia Brasileira de Letras.

Passar a vida inteira assim no todo, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. (RAMOS, 1996, p.93)

O narrador de Graciliano Ramos magistralmente põe em cena as personificações das relações de poder: Fabiano, representante da classe trabalhadora explorada; o patrão, representante da classe dominadora; e o policial amarelo, representante do Estado autoritário.

O policial amarelo, personagem marcado nominalmente pela função que opera, evidencia o aspecto autoritário do Estado, é a mimese de todas as ditaduras da América Latina. Fabiano fora preso e espancado de facção por essa figura grotesca.

Alguns capítulos adiante, Fabiano, ao se encontrar frente à frente e em paridades de armas com a “autoridade” que lhe cerceou a liberdade e a sua dignidade, poderia vingar-se, torna-se – não como indivíduo mais como alegoria – a revolução. Contudo, recua ante a chance da desforra. “- Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele” (RAMOS, 1996, p.111).

Fica claro para o leitor que Fabiano nunca poderia se rebelar⁸⁰. Ele é um representante legítimo desses homens “dominados por sua dominação” (MARX *apud* BOURDIEU, 2012, p.85). “- Governo é governo. Tirou o chapéu, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo” (RAMOS, 1996, p.107).

Já o policial amarelo, um policial militar a serviço do Estado, deturpado pelo poder, simboliza a ideia não muito distante de uma força pronta a atacar, não a injustiça, mas os injustiçados.

Aparelho repressivo do Estado, o policial amarelo é a consequência de um paradigma recorrente na história da América Latina: o Estado como cúmplice das forças imperialistas, detentor do poder e inimigo do povo.

4.3 TRAGÉDIA: peripécia, reconhecimento, catástrofe e catarse⁸¹

⁸⁰ O sociólogo francês Pierre Bourdieu, estudando a relação entre dominador e dominado, assinala: “Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.” (2012, p.22)

⁸¹ Segundo Aristóteles, em *A poética*, esses são os elementos da tragédia grega. A peripécia é, de acordo com o filósofo grego, a mutação dos sucessos no contrário, ou seja, é um fato imprevisível que altera os rumos dos acontecimentos da ação dramática. Reconhecimento (anagnórise) é a passagem do

“O alfa e o ômega da teoria política é o problema do poder: como o poder é adquirido, como é conservado e perdido, como é exercido, como é defendido e como é possível defender-se contra ele” (BOBBIO, 2004, p.131). O povo latino-americano sempre padeceu dos desígnios do poder alheio.

A América Latina tem sido palco de sucessivas peripécias. A mesma bússola que trouxe os espanhóis em 1492 mudou pela primeira vez os ventos nativos de direção. E de lá para cá as continuas intervenções estrangeiras foram tantas que em alguns momentos históricos – as ditaduras do século XX, por exemplo – chegou-se a acreditar que os rumos foram perdidos para sempre.

Segundo a estética marxista, a arte⁸² origina-se do reflexo⁸³ – dos quais são formas abstratas o ritmo, a simetria e a proporção, o ornamento – e da imitação. E como é mimeses, desvela “com os recursos próprios da arte o caráter imanente das forças motrizes que governam a nossa realidade” (FREDERICO, 2013, p.125). Assim, “Lukács conclui que a obra de arte é a “memória da humanidade”, registro positivo dos momentos de sua trajetória, evidenciando a unidade dos indivíduos com a saga da espécie.” (FREDERICO, 2013, p. 126).

Não é difícil detectar na trajetória política-social-cultural e econômica da América Latina a influência nefasta da dominação. Mas é relevante, pois, que *Cem anos de solidão* (2010) e *Vidas Secas* (1996) sejam, em língua espanhola e portuguesa, respectivamente, duas das mais importantes alegorias denunciativas das relações de poder desiguais que por séculos usurparam a liberdade e a dignidade do povo latino. Uma das passagens do romance hispânico, por exemplo, é um relato das façanhas e revoluções promovidas pelo Coronel Aureliano Buendia, leiamos:

O coronel Aureliano Buendía promoveu trinta e duas rebeliões armadas e perdeu todas. Teve dezessete filhos varões de dezessete mulheres diferentes, que foram exterminados um atrás do outro numa noite, antes que o mais

personagem da ignorância para o conhecimento do seu destino. A catástrofe é o desenlace trágico. A catarse (katharsis) é o efeito que a tragédia deve provocar nos espectadores: uma purificação das emoções e das paixões.

⁸² Para a estética marxista “A arte, contrariamente [a magia e a religião], não quer que sua objetivação se confunda com a verdade: por isso, ela sempre insiste na afirmação do caráter fictício de suas realizações. Esta recusa em confundir-se com a própria realidade, significa, no limite, voltar as costas à transcendência: “a obra de arte cria assim formas específicas de reflexo da realidade, formas que nascem desta e regressam ativamente a ela”.” (FREDERICO, 2013, p.124)

⁸³ “A existência das formas abstratas do chamado reflexo estético [...], por uma parte, e a mimese mágica, por outra, encarnam somente a possibilidade da essência, mas não são a própria essência.” (HELLER apud FREDERICO, 2013, p.116)

velho fizesse trinta e cinco anos. Escapou de catorze atentados, setenta e três emboscadas e de um pelotão de fuzilamento. Sobreviveu a uma dose de estricnina no café que teria sido suficiente para matar um cavalo. Recusou a Ordem do Mérito outorgada pelo presidente da república. Chegou a ser comandante geral das forças revolucionárias, com jurisdição e mando de uma fronteira à outra, e o homem mais temido pelo governo, mas jamais permitiu que fizessem uma fotografia sua. Declinou da pensão vitalícia que lhe ofereceram depois da guerra e até a velhice viveu dos peixinhos de ouro que fabricava em sua oficina de Macondo. Embora tenha lutado sempre à frente dos seus homens, o único ferimento que sofreu foi feito por ele mesmo depois de assinar a capitulação da Neerlândia, que pôs fim a quase vinte anos de guerras civis. Disparou um tiro de pistola no próprio peito e o projétil saiu pelas costas sem atingir nenhum órgão vital. A única coisa que ficou disso tudo foi uma rua com o seu nome em Macondo. (MÁRQUEZ, 2010, p.144)

A narrativa deixa evidenciada a carga polissêmica da obra. O trecho transcrito sugere, o que é recorrente em todo enredo, o enlace entre os dominados e os dominadores, as revoluções e seus revolucionários, e como desfecho, o esquecimento, a história perdida.

A América Latina tenta vagarosamente reconciliar-se com sua memória⁸⁴ de catástrofes quotidianas. Daí tem extraído a lição de continuar resistindo. E desde a colonização espanhola vem resistindo sempre – resistiu às investidas inglesas durante o século XVII e XVIII; resistiu as investidas norte-americanas durante os séculos XIX e XX –, disposto, com isso, a proclamar sua identidade singular forjada nas revoluções silenciosas que promoveu,

A revolução é um ato do povo que resiste à opressão, e não sendo autodeterminável, um ato contra a tutela, um ato de julgamento, (o que já é sinal de consciência crítica), dos tutelados em relação aos tutores. Razão porque implica sempre na existência [...] do senso de independência [...]. O que noutras palavras significa o fim da tutela, o exercício do direito da autodeterminação dos povos. (LITRENTO, 1964, p.54)

A autodeterminação dos povos latino-americanos tem sido inviabilizada pelas sucessivas interferências estrangeiras na economia e na política latino-americana. Mas o século XXI, se não principiar a frustrar mais essa esperança, poderá assistir a implementação desse princípio na América Latina. Para isso, ensina Alfredo Errandonea:

⁸⁴ Temos produzido uma verdadeira ode à memória na América Latina. Alguns países, de forma mais lenta, é verdade, mas sem deixar de reconhecer a necessidade de se reconciliar com o passado. No Brasil, por exemplo, criou-se a Comissão Nacional da Verdade, Lei 12528/2011, instituída em 16 de maio de 2012, que tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

[...] la contrapartida de la dominación es la participación, que constituye su límite. El grado en que la dominación deja de serlo, es exactamente el umbral de la participación. Ambos términos se conjugan institucionalizadamente en las relaciones de dominación. En el límite, la participación máxima generalizada que logre sustituir totalmente a la dominación, que la reduzca a su inexistencia, implicaría una sociedad igualitaria, según nuestra concepción. (1989, p.122)

Por fim, lembramos a extraordinária lição do filósofo e historiador alemão Oswald Spengler⁸⁵ citada pelo professor Oliveiros L. Litrento na obra *O princípio da autodeterminação dos povos: síntese da soberania e o homem*:

Um povo plasma a história, enquanto estiver disposto. Vive uma história interna que lhe é propícia as condições necessárias para que possa tornar-se criador, e uma história externa, que consiste em criação. Os povos, como Estados, são, portanto, as forças propriamente ditas de todos os acontecimentos humanos. No mundo como história, não há nada acima deles. São eles o destino. (OLITRENTO,1964, p.31)

⁸⁵ Oswald Arnold Gottfried Spengler (Blankenburg, Harz, 29 de Maio de 1880 – Munique, 8 de Maio de 1936) é o autor da obra *O Declínio do Ocidente* que marcou os debates historiográficos, filosóficos e políticos, da intelectualidade europeia durante o século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação literária do colombiano Gabriel García Márquez e do brasileiro Graciliano Ramos são mimeses das marcas profundas da história e do povo latino-americano. Sabendo disso, pretendeu-se analisar nos romances *Cem anos de Solidão* (2010) e *Vidas Secas* (1996) a relação entre a dominação desses povos e o princípio da autodeterminação.

Cem anos de solidão (2010), de Gabriel García Márquez, revelou-se uma alegoria paródica, uma carnavalização⁸⁶, da história da América Latina. E fez desfilar as figuras e os fatos mas inverossímeis da imaginação. “O pintor Henri Matisse uma vez observou que toda arte carrega a marca do seu período histórico, mas que a grande arte é aquela em que essa marca se revela mais profunda.” (EAGLETON, 2011, p.15).

Vidas Secas (1996), de Graciliano Ramos, colocou em cena a família de retirantes nordestina. Longe de ser um romance meramente regionalista, a obra desvelou as angústias universais do homem. Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais velho, menino mais novo e a cachorra Baleia travam uma batalha sem glórias contra as determinações intransponíveis do poder: da classe dominante, do Estado e da natureza.

Diante da história e da marcha dos personagens e dos fatos que submeteram o povo latino-americano, subjungando sua vontade, a conservação da espécie humana depende do respeito aos direitos de todos os povos de se autodeterminarem e de todos homens de gozarem da paz, da felicidade, da igualdade, da liberdade e da dignidade.

Um corpus tão extenso e categorias tão complexas não suportariam um ponto de conclusão. Além disso, a história da América Latina é atravessada por pântanos e lodo, sangue e glória, um redemoinho de acontecimentos que não cessam nunca. Por isso, o arremate temporário.

⁸⁶ Inversão da ordem social normal.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Industria cultural**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Notas sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.
- AMESON, F. **Pós-modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, v. 41, 2006.
- ARENDT, Hannah. **O que é política?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- AVELAR, I. **Alegorias da derrota**: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BASTOS, H. J. **Literatura e Colonialismo**: rotas de navegação e comércio no fantástico de Murilo Rubião. Brasília: Edunb, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERTEN, André. **Modernidade e desencantamento**: Nietzsche, Weber e Foucault. Tradução Marcio Anatole de Souza Romeiro. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução Carlos Sussekind [et al.]. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMPOS, Haroldo. **Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**: forma e ideologia no romance Hispano-Americano. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- COSTA NETO, Antônio Cavalcanti da. **Direito, mito e metáfora**: os lírios não nascem da lei. São Paulo, LTr, 1999.
- COUTINHO, E. **Literatura comparada na América Latina**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução Matheus Correia. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. Tradução José Paulo Neto, Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- ERRANDONEA, Alfredo. **Sociologia de la Dominación**. Montevideo. Buenos Aires: Nordan/Tupac, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- _____. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Vigiar e punir: histórias da violência nas prisões**. Tradução Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et. al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.
- JOZEFF, Bella. **História da Literatura Hispano-Americana: das origens à atualidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- JOZEF, Bella. **Romance Hispano-Americano**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- JUNG, G. G.. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KASHIURA JÚNIOR, Celso Naoto; AKAMINE JÚNIOR, Oswaldo; MELO, Tarso de; CASALINO, Vinícius (Ed.). **Cadernos de Pesquisa Marxista do Direito**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- KOTHE, Flávio R. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LUKÁCS, Gyorgy. **A teoria do romance: um ensaio histórico – filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução Jose Marcos Mariani de Marcedo. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Trad. Eric Nepomuceno. 75. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- _____. **Cien años de soledad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2009.
- _____. **Crônicas de uma morte anunciada**. Tradução Remy Gorga, filho. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- _____. **Doze contos peregrinos**. Trad. Eric Nepomuceno. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- MARTINS FILHO, J. R. **A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militares e militantes**. *Varia História*, Belo Horizonte, n.28, p. 178-201, 2003.
- MARTIN, G. **Gabriel García Márquez: uma vida**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro II**. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MENEZES, Jaldes Reis de; LYRA, Rubens Pinto (Org). **Marxismos na contemporaneidade: tópicos de política, economia e direito**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

- MORENO, César Fernández et. al. (org.) **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- OEA, Organización de los Estados Americanos. **Desigualdad e inclusión social en las Américas**. Disponível em: <http://www.oas.org/docs/desigualdad/LIBRO-DESIGUALDAD.pdf>
- ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração sobre a Concessão de Independência aos Países e Povos Coloniais**. 1960. http://direitoshumanos.gddc.pt/3_21/IIIPAG3_21_1.htm
- ONU, Organização das Nações Unidas. **Carta das Nações Unidas**. 1945. Disponível em: http://unicrio.org.br/img/CartadaONU_VersoInternet.pdf
- ONU, Organização das Nações Unidas. **Relatório do Relator Especial de execuções extrajudiciais, sumárias ou arbitrárias**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/abc/onu/relatores_brasil.htm
- RAMA, A. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: VASCONCELOS, S.; AGUIAR, F. **Literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: EdUSP, 2001. p. 209-238.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 71. ed. São Paulo: Record, 1996.
- RESTREPO, D. H. **La crítica literaria en Colombia**. Retos y perspectivas. Disponível em: <http://www.dariohenaorestrepo.com>.
- RODRIGUES, S. C. **Macondamérica: a paródia em Gabriel García Márquez**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2001.
- SANTOS, Theotônio dos. Subdesenvolvimento e dependência. In: LÖWY, Michael. **O marxismo na América Latina: uma antologia de 109 aos dias atuais**. Tradução Cláudia Schilling, Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.
- SEGOLIN, Fernando. **Personagem e Anti-personagem**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Ludovico. **O estilo literário de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva. 2007.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro**. 19.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- TRINDADE, José Damião de Lima. **História social dos direitos humanos**. São Paulo: Peirópolis, 2011.
- UNODC, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Relatório Global Sobre Homicídios**. 2013. Disponível em: <http://www.unodc.org/>
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001a.
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 2. Tradução de Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001b.